

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
TATIANA DE CASTRO BARROS FONSECA

TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA:
EXPERIÊNCIA EM ACESSIBILIDADE CULTURAL NO MUSEU DA
GEODIVERSIDADE (IGEO/UFRJ)

RIO DE JANEIRO, RJ.

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
TATIANA DE CASTRO BARROS FONSECA

TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA:
EXPERIÊNCIA EM ACESSIBILIDADE CULTURAL NO MUSEU DA
GEODIVERSIDADE (IGEO/UFRJ)

Trabalho de conclusão do curso apresentado como exigência para obtenção de graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Terapia Ocupacional.

ORIENTADORA: PATRICIA SILVA DORNELES

CO-ORIENTADORA: ALINE ROCHA DE SOUZA FERREIRA
DE CASTRO.

RIO DE JANEIRO, RJ.

2018

CIP - Catalogação na Publicação

F287t Fonseca, Tatiana de Castro Barros
TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA: experiência em
Acessibilidade Cultural no Museu da geodiversidade
(IGEO/UFRJ) / Tatiana de Castro Barros Fonseca. --
Rio de Janeiro, 2018.
75 f.

Orientadora: Patricia Silva Dorneles.
Coorientadora: Aline Rocha de Souza Ferreira de
Castro.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Medicina, Bacharel em Terapia Ocupacional, 2018.

1. Acessibilidade. 2. Terapia ocupacional. 3.
Diversidade cultural. 4. Inclusão. 5. Museu da
Geodiversidade (IGEO/UFRJ). I. Dorneles, Patricia
Silva, orient. II. Castro, Aline Rocha de Souza
Ferreira de, coorient. III. Título.

TATIANA DE CASTRO BARROS FONSECA

TERAPIA OCUPACIONAL E CULTURA:

EXPERIÊNCIA EM ACESSIBILIDADE CULTURAL NO MUSEU DA
GEODIVERSIDADE (IGEO/UFRJ)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência para obtenção de graduação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Terapia Ocupacional do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina.

Banca examinadora

PROFESSORA PATRICIA SILVA DORNELES
ORIENTADORA - TERAPEUTA OCUPACIONAL
FM – DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL – UFRJ

ALINE ROCHA DE SOUZA FERREIRA DE CASTRO
CO-ORIENTADORA - MUSEÓLOGA
IGEO – MUSEU DA GEODIVERSIDADE - UFRJ

CLAUDIA REINOSO ARAÚJO DE CARVALHO
MEMBRO DA BANCA - TERAPEUTA OCUPACIONAL
FM – DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL – UFRJ

Rio de Janeiro, ____ de dezembro de 2018.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que lutam por espaços mais democráticos e que através da potência de ser e fazer contribuem na construção de uma sociedade para todas e todos que nela vivem

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família nuclear que sempre foi minha maior rede de suporte e sem eles não teria concluído a graduação em Terapia Ocupacional que cheio de amor e cuidado sempre me apoiaram nos processos de vida.

Ao companheiro Gabriel Ferreira de Oliveira que a universidade trouxe e que hoje continua a me apoiar e fortalecer na vida com todo seu caráter, positividade e carinho.

A família que compartilho convívio sou grata por toda contribuição em minha formação dentro e fora da universidade, as amigas e aos amigos do Centro Acadêmico Evaristo de Castro Jr., da Terapia Ocupacional e de outros cursos que me mostraram a importância da organização e desorganização dentro dos espaços acadêmicos.

Agradecimentos nunca serão demais para toda a equipe do Museu da Geodiversidade (IGEO-UFRJ) que com toda a pluralidade de profissionais e estudantes, pessoas incríveis que acreditam em espaços coletivos de ensino, pesquisa e extensão e tornam o ambiente universitário acolhedor e transformador.

As minhas orientadoras Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro e Patricia Silva Dorneles que sempre estiveram ao alcance incentivando uma educação libertadora, sou imensamente grata por todo conhecimento compartilhado e todo incentivo para nunca desistir e sempre possibilitar deslocamentos para que seja possível uma formação cidadã.

Ao Laboratório de Modelos e Fabricação Digital 3D da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo por toda a abertura a discussões sobre recursos e possibilidades de parcerias em prol da acessibilidade em espaços compartilhados.

O Núcleo de Computação Eletrônica que sempre acolheu as questões referentes à acessibilidade agradeço pela contribuição constante para diminuir as barreiras comunicacionais.

A PR5 agradeço por investir no programa de extensão que possibilitam ações que se articulam a comunidade e mostram que o conhecimento esta tanto dentro dos muros universitários como além deles.

|

*“Tamo aí na resistência
Mantendo a procedência
Confundindo o sistema
Modulando as frequências*

*Não se põe em cheque a necessidade
De luta por igualdade”
CURUMIN, cantor*

RESUMO

O estudo apresenta a contribuição da Terapia Ocupacional nas ações que envolvem a acessibilidade em ambientes culturais, demonstrando que esse também é um campo de atuação desse profissional. A metodologia empregada se caracteriza como uma abordagem qualitativa, contemplando o relato de experiência da própria autora, seus diários de campo e relatórios desenvolvidos no decorrer de quatro anos de atuação no projeto de extensão “Um museu para todos: adaptação da exposição Memórias da Terra (Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ) para inclusão da pessoa com deficiência”. Foram relatadas e analisadas as atividades desenvolvidas, tais como encontros, aprendizados em cursos, detalhes da elaboração de ferramentas e sensibilizações realizadas, através da observação da interação dos visitantes para levantamento de dados. Por meio dessa experiência foi possível concluir que a Terapia Ocupacional, além do uso de Tecnologia Assistiva, vem atuando como mediadora cultural na busca da cidadania das pessoas com deficiência, assim como a articulação de rede, contribuindo para desenvolvimento de espaços mais acessíveis.

Palavras-chave: Acessibilidade. Terapia Ocupacional. Diversidade Cultural. Inclusão. Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ.

ABSTRACT

The study presents the contribution of Occupational Therapy in the actions that involve accessibility in cultural environments, demonstrating that this is also a field of action of this professional. The methodology used is characterized as a qualitative approach, including the author's own experience report, her field diaries and reports developed during four years of work in the extension project "A museum for all: an adaptation of the exposition Earth Memories (Museum of Geodiversity - IGEO / UFRJ) for the inclusion of persons with disabilities". The activities developed, such as meetings, learning in courses, details of the elaboration of tools and sensitizations carried out, were observed of the interaction of the visitors for data collection. Through this experience, it was possible to conclude that Occupational Therapy, in addition to the use of Assistive Technology, has been acting as a cultural mediator in the quest for the citizenship of people with disabilities, as well as network articulation, contributing to the development of more accessible spaces.

Keywords: Accessibility. Occupational Therapy. Cultural Diversity. Inclusion and Museum of Geodiversity - IGEO / UFRJ.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Gráfico 1 - Proporção de pessoas com deficiência, com e sem aplicação da linha de corte do WG Brasil – 2010. Fonte: Censo Demográfico IBGE – Brasil, 2010.	10
Figura 2 – Gráfico 2 – Proporção de pessoas com deficiência, com e sem a aplicação da linha de corte do WG, por tipo de deficiência – Brasil – 2010. Fonte: Censo Demográfico IBGE - Brasil - 2010.	10
Figura 3 - Grupo participante da "Conversa sobre acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade" em frente a entrada do referido museu.	15
Figura 4 - Grupo que participou da "Conversa sobre acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade" em mediação no Paleojardim.	15
Figura 5 - Grupo participante da "Conversa sobre acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade" em mediação no módulo "Minerais".	15
Figura 6 -Imagem representado a interdisciplinaridade presente na equipe do MGeo. Desenvolvida por Nathally Rosário, 2018.	19
Figura 7 - Possibilidades de ambientes sociais.....	22
Figura 8 - Protótipo do Globo sensorial, parte externa em evidência.....	24
Figura 9 - Protótipo do Globo sensorial, parte interna em evidência.....	24
Figura 10 - Primeiro Protótipo do mapa tátil de localização	26
Figura 11 - Segundo protótipo de mapa tátil de localização – Imagem geral.	27
Figura 12 - Detalhes do segundo protótipo de mapa tátil de localização.	28
Figura 13 - Terceiro protótipo do mapa tátil de localização.	29
Figura 14 - Quarto protótipo de mapa tátil de localização.	29
Figura 15 - Quinto protótipo de mapa tátil de localização.	30
Figura 16 – Sexto protótipo do mapa tátil de localização.	31
Figura 19 - Legenda feita com esfera de aço própria para Braille e impressa a laser.	31
Figura 18 - Legenda feita em acrílico sobre acrílico utilizando impressora <i>laser</i>	31
Figura 17 - Legenda feita com reglete positiva em plástico.	31
Figura 20 - Capa do livro impresso em Braille.....	32
Figura 21 - Detalhe do livro impresso em Braille.....	32
Figura 22 - Símbolo da audiodescrição.....	33
Figura 23 - Imagem ilustrativa a partir de cegos e deficientes visuais.	33

Figura 24 - Capa da cartilha "Aprendendo a lidar com a diversidade"	34
Figura 25 - Organização da Capacitação "Aprendendo a lidar com a diversidade cultural".....	36
Figura 26 - Organização da Capacitação "Aprendendo a lidar com a diversidade cultural".....	36
Figura 27 – Exposição sobre o o projeto de Acessibilidade do MGeo na Capacitação 2015.	36
Figura 28 - Atividade de mediação no MGeo.	37
Figura 29 - Mediação com participantes da 1ª capacitação.	37
Figura 30 - Equipe participante da Sensibilização na 8ª SIAC	38
Figura 31 - Sensibilização sobre acessibilidade cultural 2018.	39
Figura 32 - Recursos utilizados na Sensibilização sobre acessibilidade cultural 2019. [Figura 31 – Imagem quadrada. Na fotografia há 12 pessoas, dez sentadas em roda. Ao fundo na parte superior à direita da imagem há uma projeção da cartilha "Aprendendo a lidar com a diversidade" e duas pessoas em pé filmando a atividade. Figura 32 – Imagem quadrada. A fotografia mostra em cima de uma mesa forrada com uma toalha de renda há uma caixa com tapa olho, outra caixa ao lado com óculos diversos e próximo as duas caixas 9 fones de ouvidos grandes.]	39
Figura 33 - Oficina: Criação de ferramentas táteis para a compreensão dos processos geológicos.....	40
Figura 34 - Participantes do curso: Cultura e Acessibilidade: Pesquisa, Formação e Produção.....	41
Figura 35 - Foto de participantes do Encontro sobre Acessibilidade em Ambientes Culturais no dia 15 de setembro de 2017.....	42
Figura 36 - Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional.....	43
Figura 37 - Mediação com participantes do III Encontro da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC).	44
Figura 38 - Apresentação de recursos de mediação acessível na ABCMC.	44

LISTA DE SIGLAS

ABCMC – Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências
AD – Audiodescrição
BCMT – Bacharelado de Ciências da matemática e da Terra
CCMN – Centro de Ciências Matemáticas e da Terra
CCS – Centro de Ciências da Saúde
CDPD – Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
CEAC- Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural
CEMA - Centro de Estudos de Mudanças Ambientais
ENAC – Encontro Nacional de Acessibilidade Cultural
FM – Faculdade de Medicina
FIOCRUZ – Fundação Osvaldo Cruz
FUNARTE – Fundação Nacional das Artes
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGEO – Instituto de Geociências
GT – Grupo de Trabalho
JCAC – Jornada Científica de Acessibilidade Cultural
LBI – Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência
LAMO3D – Laboratório de Modelos e Fabricação Digital 3D
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais
MinC – Ministério da Cultura
MGeo – Museu da Geodiversidade
NCE – Núcleo de Computação Eletrônica
PcD – Pessoa Com Deficiência
PNC – Plano Nacional de Cultura
PsD – Pessoa sem Deficiência
SID – Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural
TO – Terapia Ocupacional
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio De Janeiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	JUSTIFICATIVA	3
3	OBJETIVOS	4
		4
4	MÉTODOS	5
	4.1. Procedimentos de coleta e análise de dados	5
5	O DIREITO CULTURAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	6
	5.1 A contribuição da Terapia Ocupacional da UFRJ na construção da política nacional de acessibilidade cultural	11
6	ACESSIBILIDADE CULTURAL E MUSEU DA GEODIVERSIDADE	17
	6.1 Das iniciativas de acessibilidade no Museu da Geodiversidade junto a Terapia Ocupacional	18
	6.1.1 GLOBO TERRESTRE SENSORIAL	23
	6.1.2 MAPA TÁTIL DE LOCALIZAÇÃO	25
	6.1.3 LIVRO COM CONTEÚDO DA EXPOSIÇÃO EM BRAILLE	32
	6.1.4 AUDIODESCRIÇÃO	33
	6.1.5 CARTILHA	34
	6.1.6 CAPACITAÇÕES E SENSIBILITAÇÕES	35
	6.1.6.1 Curso De Extensão “Aprendendo a Lidar com A Diversidade”	35
	6.1.7 EVENTOS E OFICINAS SOBRE ACESSIBILIDADE	40
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
		48
		52
	1. Cartilha “Aprendendo a Lidar com a Diversidade”	53
	2. Planta Baixa Do Circuito Expositivo, utilizadas nos primeiros protótipos.	59
	3. Planta Baixa Atualizada Do Circuito Expositivo.	60
		61

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos observa-se a inserção da Terapia Ocupacional nas pautas sobre Acessibilidade Cultural. Através do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural (CEAC/UFRJ), promovido em parceria com o Ministério da Cultura (MinC), tem sido possível ampliar a discussão sobre as atuais políticas desenvolvidas para construção de espaços culturais acessíveis e inclusivos no país.

Para aplicação das leis que promovem a acessibilidade nas unidades culturais da UFRJ, os profissionais e estudantes têm buscado cada vez mais compreender sobre as especificidades da área com o objetivo de possibilitar a inclusão em seus espaços e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais às pessoas com deficiência.

O Museu da Geodiversidade (IGEO – UFRJ), através da exposição “Memórias da Terra”, busca retratar a história geológica da Terra, se aproximando da sociedade através das relações que o Homem mantém com os elementos da geodiversidade (CASTRO, 2014). Ao entrar na pauta da diversidade cultural, que se dá a partir da interação de sujeitos com diferentes identidades culturais, há a articulação do espaço com diferentes possibilidades de inclusão nos meios de expressão e difusão de seu conteúdo geocientífico.

O trabalho se realizou de forma interdisciplinar e se concretizou através do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição “Memórias da Terra” para pessoas com deficiência (Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ)”. Ao longo de 4 anos de participação no projeto foi possível pensar sobre a diminuição de barreiras arquitetônicas, comunicacionais e atitudinais dentre outras no espaço expositivo e desenvolver diversos recursos acessíveis. Esses recursos foram apresentados e analisados nesse trabalho, a saber: o globo terrestre sensorial, mapa tátil de localização, informações sobre o conteúdo exposto ao longo da exposição em Braille, cartilha, audiodescrição e propostas de oficinas de sensibilização para a promoção da acessibilidade atitudinal e formação de público.

A experiência na pesquisa e no desenvolvimento de recursos acessíveis pela equipe interdisciplinar do Museu da Geodiversidade será investigada neste estudo e trará reflexões acerca da ampliação e a articulação de conteúdos relativos a diferentes áreas do conhecimento envolvidas no projeto. Inclui-se entre as tarefas dessa equipe as atividades de capacitação de mediadores para implementação de

ações, programas e projetos acessíveis em ambientes culturais. Essas capacitações também serão apresentadas e debatidas ao longo do trabalho.

Acredita-se que a partir da implementação desses recursos, o Museu da Geodiversidade ampliará a possibilidade de promover a autonomia e independência para as pessoas dentro de seu espaço expositivo, convidando instituições e o público para que se alcancem outros aspectos sobre a criação de recursos e capacitação, e assim compreender a necessidade de associar pensamentos com outras áreas, para que se possa atingir a práxis e um resultado mais amplo.

2 JUSTIFICATIVA

A Terapia Ocupacional tem se inserido nas pautas no que se refere à diversidade cultural e, com isso, tem participado da construção de novos campos de atuação, indo ao encontro das pautas de democratização da cultura que passaram a existir, principalmente nos últimos vinte anos. Chauí (2008) coloca que o Estado precisa prover o direito do cidadão, assegurando o acesso e a fruição das obras culturais, assim como a criação de obras e o direito a participar das decisões sobre políticas culturais.

A Terapia Ocupacional depara-se com a perspectiva de que qualquer cidadão pode entender-se como sujeito produtor de cultura e das linguagens artísticas (FERREIRA; GARCIA; TEIXEIRA; DORNELES, 2016). Sendo necessário ampliar a atuação do terapeuta ocupacional para além dos eixos arte-saúde-doença ou arte-inclusão social, e caminhar para o eixo de cidadania cultural, no objetivo de promover ações emancipatórias para os sujeitos envolvidos e para a profissão (DORNELES, 2014).

Sua participação se faz através da gestão em diversos programas e projetos socioculturais, da criação de Tecnologia Assistiva no sentido da promoção à autonomia e independência e também com ações que visando a participação, inclusão social e promoção dos direitos humanos e direitos culturais, constituindo assim seu papel como articulador cultural, além de trazer a reflexão sobre a qualidade do acesso de pessoas com deficiência aos serviços e eventos culturais.

Dessa forma é importante identificar o cenário atual de políticas públicas direcionadas a acessibilidade e a inclusão da pessoa com deficiência em ambientes culturais, assim como garantir a execução de acordo com a legislação nacional tornando possível a produção de vida através das propostas voltadas para a transformação de espaços sociais e culturais.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Verificar a contribuição e o papel do terapeuta ocupacional na promoção do direito cultural da pessoa com deficiência, a partir da análise experiência como bolsista de extensão da atuação de discentes do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ no Museu da Geodiversidade (IGEO/UFRJ).

3.2 Objetivos Específicos

- Apresentar o contexto da pauta da acessibilidade cultural para pessoas com deficiência junto às políticas públicas;

- Apresentar as experiências desenvolvidas pela Terapia Ocupacional de forma indissociável de ensino, pesquisa e extensão junto ao Museu da Geodiversidade, em prol da acessibilidade cultural das pessoas com deficiência;

- Avaliar a contribuição da Terapia Ocupacional na perspectiva da implementação da acessibilidade cultural para as pessoas com deficiência, a partir da experiência e das ações desenvolvidas para o Museu da Geodiversidade.

4 MÉTODO

A pesquisa foi desenvolvida no modelo de relato de experiência e se caracteriza como pesquisa qualitativa. Segundo Minayo (2002) a pesquisa qualitativa é aquela que lida com interpretações das realidades sociais considerando o universo de significados, motivos, aspirações, valores e atitudes. A fim de qualificar a sistematização da pesquisa, debruçou-se sobre os instrumentos de diário de campo e relatórios de avaliação do projeto de extensão pesquisados; como elementos estruturantes para compor as bases de dados.

4.1. Procedimentos de coleta e análise de dados

Através de pesquisa de campo no Museu da Geodiversidade foram coletados dados através de observações. Os dados foram registrados no diário de campo e incluiu registros sobre: as rodas de conversas realizadas com pessoas com deficiência e sem deficiência, sensibilizações, desenvolvimento de Tecnologia Assistiva e na participação de encontros e sensibilizações em diversas instituições que envolvem o tema da pesquisa.

Os relatórios gerados entre os anos de 2015 a 2018 (FONSECA, 2015; FONSECA, 2016; FONSECA, 2017; FONSECA, 2018; CASTRO, 2015; CASTRO, 2016; CASTRO, 2017; CASTRO; 2018) do projeto de extensão “Um museu para todos: adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência (Museu da Geodiversidade – IGEO/UFRJ)” sobre as estratégias e ferramentas construídas para a diminuição das barreiras existentes para pessoas com deficiência.

5 O DIREITO CULTURAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Em âmbito nacional, desde a Constituição de 1988, foram consolidados direitos fundamentais para pleno desenvolvimento da cidadania do povo brasileiro. No entanto, somente em 2000, surgiu a primeira legislação visando assegurar o direito da pessoa com deficiência. A lei de nº 10.098 orienta, entre outras providências, a promoção da acessibilidade. A partir de então, atentos aos movimentos internacionais, militantes da luta dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil iniciam-se no país uma série de legislações institucionalizando novas conquistas.

O Brasil tornou-se signatário em 2008 da Convenção Internacional da Pessoa com Deficiência das Organizações das Nações Unidas ocorrida em 2007 em Nova York. Nesta convenção, destaca-se o artigo 30 que estabelece orientações de direito de participação das pessoas com deficiência na vida cultural. Em 2015 o país avançou com a Lei Brasileira de Inclusão. Nesta conquista, o direito cultural da pessoa com deficiência foi determinado a partir de uma série de orientações no capítulo IX.

A pauta de acessibilidade cultural junto a Política Nacional de Cultura se deu na Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para Inclusão de Pessoas com Deficiência realizada no Rio de Janeiro entre os dias 16 e 18 de outubro de 2008. O lema internacional “Nada sobre Nós sem Nós” vem sendo utilizado como marca nominal do encontro, reforçando a identidade de participação das pessoas com deficiência em tudo o que lhes diz respeito. Promovida pela então Secretaria de Identidade e da Diversidade do Ministério da Cultura (SID/MinC), a oficina teve como objetivo constituir ações e diretrizes para a Política Nacional de Cultura. Entre os tradicionais Grupos de Trabalho (GT) que o MinC desenvolvia nas diferentes oficinas temáticas de construção de políticas públicas culturais, surge pela primeira vez o tema acessibilidade cultural. No GT de acessibilidade, destacando-se as seguintes diretrizes:

1. Garantir que todas as políticas, programas, projetos, eventos e espaços públicos no campo artístico e cultural sejam concebidos e executados de acordo com a legislação nacional já existente que garante acessibilidade e conforme disposto na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU).
2. Sensibilizar e conscientizar os vários setores da população sobre Acessibilidade à arte e à cultura (FIOCRUZ, 2009).

A Nota Técnica nº 001/2009 SID/MINC de 07 de abril de 2009, foi um desdobramento da oficina. Entre diferentes indicações para qualificar a política nacional de cultura nos diversos segmentos culturais e artísticos que o MinC atua, destacou-se a revisão e adequação dos conceitos, mecanismos, pré-requisitos e critérios da Lei Rouanet junto a temática. Insere-se a obrigatoriedade de promoção de acessibilidade para pessoas com deficiência em todos os projetos culturais que se beneficiam do apoio da lei. Antes da referida oficina, tanto na lei como em outras iniciativas do MinC, o conceito de acessibilidade limitava-se a compreender acessibilidade com a oferta por valores inferiores ou a distribuição gratuita de ingressos de espetáculos artísticos, programas e apresentações de projetos apoiados pela Lei Rouanet.

A partir de então, a compreensão sobre acessibilidade em ambientes culturais deixa de ser realizada pela perspectiva econômica e passa a ser pensada no âmbito das políticas qualificadas onde são articuladas diretrizes e ações para a fruição estética e artística cultural da pessoa com deficiência (DORNELES, 2016). A conquista da obrigatoriedade de realização de acessibilidade junto aos projetos apoiados na lei tem permitido, pelo menos em relação às outras políticas culturais deste órgão, uma política contínua já que este instrumento de fomento cultural tem atravessado diferentes governos desde a criação da mesma.

No âmbito da política museal, destaca-se que no Estatuto dos Museus, a Subseção III explicita a necessidade da acessibilidade universal e o direito a igualdade de oportunidades, diminuindo assim os obstáculos que impedem que pessoas com diferentes limitações possam ter acesso e usufruir dos ambientes sociais e culturais (BRASIL, 2009).

O Plano Nacional de Cultura (PNC), aprovado em dezembro de 2011, recomenda que até 2020 as resoluções das suas normas entrem em vigor. O PNC é subdividido em metas e a de número 29, trata da acessibilidade com intuito de garantir que as pessoas com deficiência possam ter acesso aos espaços culturais, seus acervos e atividades. A meta orienta adaptação dos espaços físicos e a oferta de bens e atividades culturais em formato acessíveis, já que ainda hoje nem todos os espaços culturais são acessíveis para pessoas com deficiência, ainda que isso esteja previsto em lei.

Em continuidade às políticas de acessibilidade, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI - 13.146/2015), fruto da CDPD, foi sancionada em 06 de julho de 2015, entrando em vigor em 02 de janeiro de 2016. As modificações realizadas desde a Lei nº 10.098/00 que era numa perspectiva do modelo médico baseado na clássica visão de “tipos de deficiência”, tais como deficiência física, visual, auditiva, mental e múltipla sendo baseada em perícia médica, reduzindo a pessoa a limitação funcional. A LBI (Estatuto da Pessoa com Deficiência) passa a compreender que a pessoa com deficiência depende fundamentalmente do meio que está inserida, assim o modelo social de direitos humanos considera aspectos biopsicossociais (FEMINELLA; LOPES, 2016).

Em seu artigo [1](#) a LBI é destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais da pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

A nova lei caracteriza a acessibilidade como a:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertas ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015).

A LBI, no artigo 42, traz o direito à cultura, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com os demais cidadãos, garantindo o acesso e a disponibilidade em formatos acessíveis de atividade culturais suprimindo as barreiras comunicacionais. Oliveira e Sarraf (2016) afirmam que a garantia do direito de acesso à cultura para pessoas com deficiência promove dinâmicas no universo da arte e das manifestações culturais, onde ao acolher e celebrar a diversidade se torna viável a eliminação de barreiras atitudinais existentes e que precisam ser superadas por ações afirmativas.

No que tange à barreira arquitetônica a lei se utiliza da Norma Brasileira de Acessibilidade - NBR 9050, a qual passou por consulta pública (Edital nº 09 de 30.09.2003, com o número Projeto NBR 9050), sendo estabelecidos “critérios e parâmetros técnicos a serem observados quando ao projeto, construção, instalação e adaptação e adaptação do meio urbano e rural, e de edificações às condições de acessibilidade” (ABNT, 2015, p. 1).

Essa nova abordagem traz a importância de se pensar os espaços e serviços já com desenho universal e viabilizar Tecnologia Assistiva com intuito da diminuição de barreiras que limite ou impeça a participação social da pessoa, entre elas: barreiras arquitetônicas, nas comunicações e barreiras atitudinais como citadas acima. É importante ressaltar que para uma acessibilidade efetiva é necessário ir para além do acesso físico ao espaço ou serviço, a inclusão se dá quando são suprimidas todas as barreiras envolvidas nas dimensões de acessibilidade¹.

A partir do exposto acima e da realidade da PcD, que segundo o *sensu* do IBGE de 2010, 23,9% da população diz ter alguma deficiência. Tais dados mudam a partir do aprofundamento das reflexões do Grupo Washington² que traz seis domínios funcionais essenciais (enxergar, ouvir, andar, cognição, autocuidado e comunicação) a serem considerados nas pessoas sujeitas a um maior risco de sofrerem restrições de participação, dessa forma passa para 6,9% as PcD sendo feito o corte com base na pessoas que afirmam ter “muita dificuldade” ou “não consegue de modo algum” realizar pelo menos uma das atividades investigadas.

Tal corte foi realizado após a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS - 2013), concebida pelo IBGE, que considera também questões ambientais. A PNS de 2013 apresentou a proporção de 6,2% de PcD no Brasil. Com isso buscou-se verificar qual a real prevalência, contudo ambas estavam corretas uma vez que investigavam diferentes dimensões do fenômeno da deficiência (BOTELHO; PORCIÚNCULA, 2018).

A seguir, o gráfico 1 mostra como ficou o indicador PcD após a aplicação de corte e no gráfico 2, a desagregação por tipo de deficiência (BOTELHO; PORCIÚNCULA, 2018).

¹Sasaki (2009) caracteriza a em seis dimensões, sendo a dimensão atitudinal, programática, metodológica, arquitetônica, tecnológica, comunicacional e instrumental.

²Comissão de Estatística da ONU, o Grupo de Washington sobre Estatísticas das Pessoas com Deficiência (Washington Group on Disability Statistics) busca uma cooperação inclusiva no que tange a participação de institutos nacionais de estatística de todos os continentes, organizações de pessoas com deficiência, entre outras organizações internacionais (IBGE, 2018).

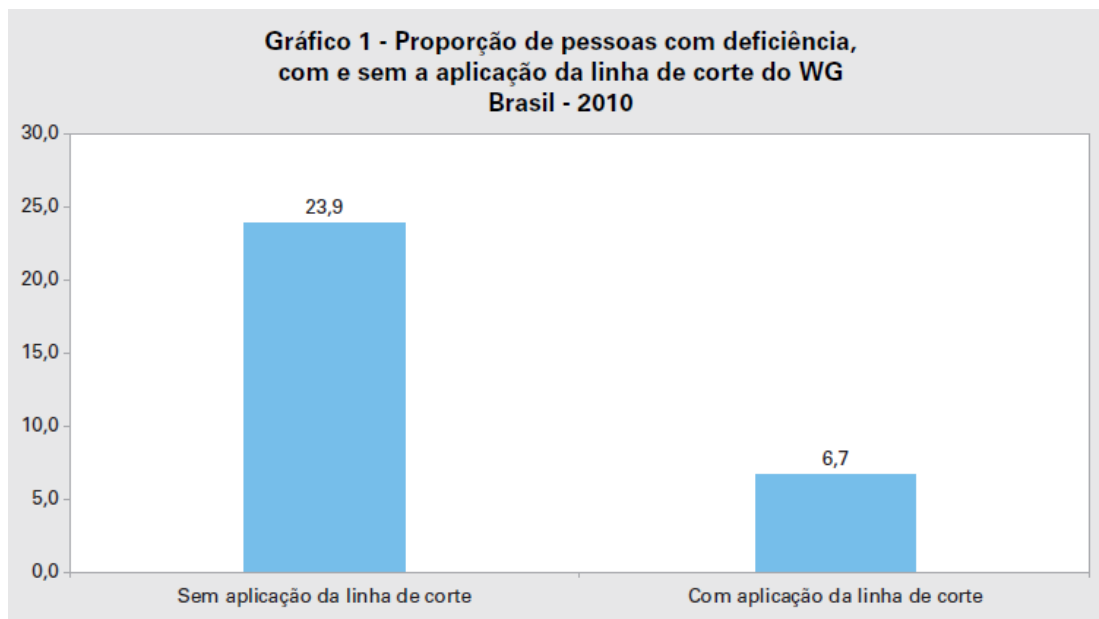


Figura 1 – Gráfico 1 - Proporção de pessoas com deficiência, com e sem aplicação da linha de corte do WG Brasil – 2010. Fonte: Censo Demográfico IBGE – Brasil, 2010.

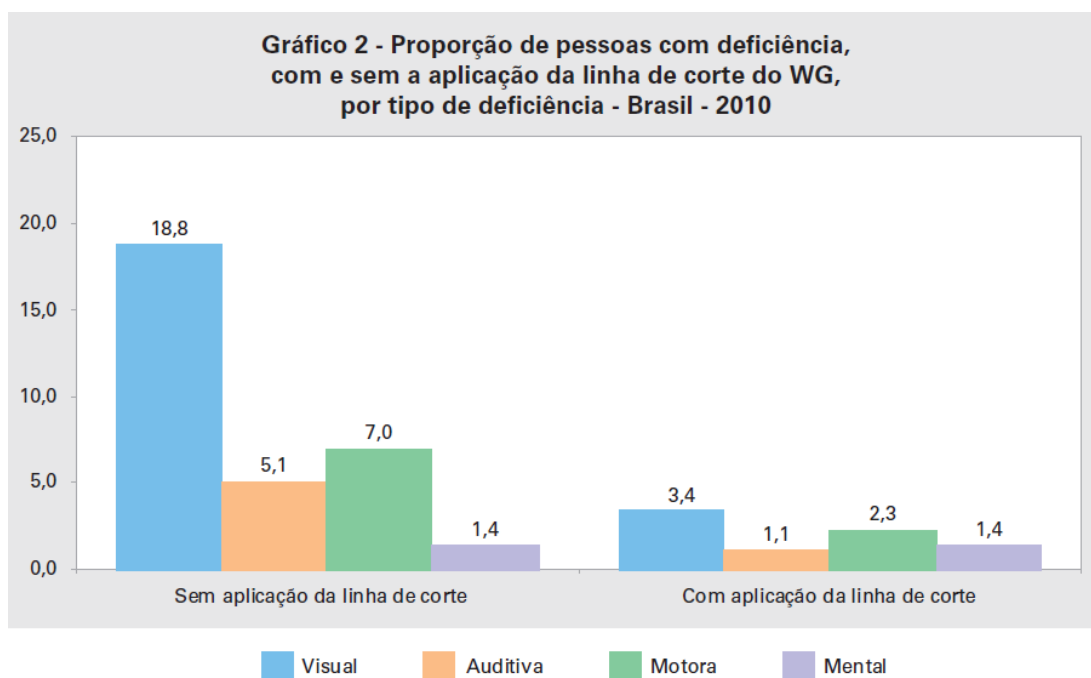


Figura 2 – Gráfico 2 – Proporção de pessoas com deficiência, com e sem a aplicação da linha de corte do WG, por tipo de deficiência – Brasil – 2010. Fonte: Censo Demográfico IBGE - Brasil - 2010.

[Dois gráficos de barra do IBGE 2010 em formato retangular. Figura 1 – Duas colunas azuis mostrando respectivamente a proporção de pessoas com deficiência, com e sem a aplicação da linha de corte do Washington Group, na primeira colunas no topo aparece o número 23,9 e na segunda o número 6,7. Figura 2 – Demonstra o resultado da pesquisa de proporção de pessoas com deficiência, com e sem a aplicação da linha de corte do Washington Group, estão separados em dois grupos cada com quatro colunas. Na ordem a primeira coluna azul (Visual) esta o número 18,8; na coluna laranja (Auditiva) 5,1; coluna verde (Motora) 7,0; coluna roxa (Mental) 1,4. Quando aplicada a linha de corte o gráfico fica da seguinte forma: coluna azul (visual) 3,4; coluna laranja (Auditiva) 1,1; coluna verde (Motora) 2,3 e coluna roxa (Mental) 1,4.]

5.1 A contribuição da Terapia Ocupacional da UFRJ na construção da política nacional de acessibilidade cultural

Dentro do contexto da PcD no Brasil urge que estratégias para acessibilidade da PcD sejam implementadas e desenvolvidas no país. Nesse sentido a Terapia Ocupacional da UFRJ têm se esforçado em contribuir não só para a cidadania cultural para PcD em âmbito nacional através do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural (CEAC), bem como tem proporcionado no âmbito da graduação estratégias de formação e participação na implementação da política de acessibilidade cultural nos ambientes da UFRJ.

O CEAC que teve sua primeira turma em 2013 foi uma iniciativa pioneira de formação *lato sensu* na temática e foi criado pelo Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ em parceria com o Ministério da Cultura. Inspirado nas demandas e nas necessidades de capacitação e formação em Acessibilidade Cultural conforme as diretrizes da oficina “Nada sobre Nós sem Nós” (2008) que em sua meta 1.2 explicita a necessidade de promover a capacitação dos gestores, técnicos e avaliadores dos editais públicos levando em consideração os requisitos e parâmetros dispostos na CDPD (FIOCRUZ, 2009). Entende-se que Acessibilidade Cultural para pessoa com deficiência está no âmbito da cidadania cultural e busca através da formação um olhar mais universal ao direito, a produção e ao consumo cultural da pessoa com deficiência.

Segundo Dorneles e Albertacci (2014), o curso de Especialização em Acessibilidade Cultural pode ser compreendido como um instrumento de fortalecimento da política pública cultural para pessoas com deficiência. É destinado a gestores públicos, universidades públicas, pontos de cultura e ONGs que atuam no tema.

A proposta da formação de ação cultural é acadêmico política e se identifica com a “concepção de Freire (1981) para quem a ação cultural é ação política, isto é, ação coletiva e engajada para a libertação” (FREIRE *apud* DORNELES; CARVALHO; CASTRO, 2017, p. 109), a práxis aliada a coparticipação dos sujeitos tem a possibilidade de transformar realidades (DORNELES; CARVALHO; CASTRO, 2017).

A cada edição do CEAC são oferecidas 60 vagas com distribuição em território nacional para gestores públicos, professores universitários, organizações do terceiro setor e Pontos de Cultura, técnicos e funcionários do Ministério da Cultura e da UFRJ. As 12 disciplinas do CEAC são divididas em nove módulos, com total de 360 horas de curso, das quais 3 disciplinas são práticas, 4 teóricas, 3 teóricas-práticas e 2 de orientação a pesquisa. Nas disciplinas são abordados temas como políticas e diversidade cultural, aspectos gerais das deficiências, Tecnologia Assistiva, audiodescrição, sensibilização em LIBRAS, Braille e outros recursos; exposição acessível e seminário de projetos (DORNELES; CARVALHO; CASTRO, 2017). Em 2018 o projeto chegou a sua terceira edição do curso de especialização. Ao longo destas três edições, estima-se a formação de 130 especialistas em acessibilidade cultural.

A cada edição é escolhido um espaço cultural como objeto de estudo e práxis, resultando na pesquisa e no desenvolvimento de recursos a partir de um acervo específico. Esta metodologia tem sido identificada como museu-escola. A segunda edição da pós-graduação, que ocorreu em 2015, escolheu o Museu da Geodiversidade, como museu-escola do projeto de formação (DORNELES; CARVALHO; CASTRO, 2017).

O CEAC teve como desdobramentos a divulgação e organização de Encontros Nacionais de Acessibilidade Cultural (ENACs) e Jornadas Científicas de Acessibilidade Cultural (JCAC) contribuindo para a ampliação da discussão junto a todas as pessoas interessada no tema. Até sua sexta edição, o ENAC teve cerca de

900 participantes de diversas cidades do país. Ao longo do evento ocorrem mesas redondas com discussões acerca de políticas públicas, apresentações de experiências relacionadas à acessibilidade cultural, pauta sobre movimentos sociais, entre outros (DORNELES; CARVALHO; CASTRO, 2017).

A JCAC se caracteriza por apresentação pública dos Trabalhos de Conclusão de Curso das alunas e dos alunos da especialização com inscrições abertas aos interessados em geral, o objetivo é difundir os assuntos estudados (DORNELES; CARVALHO; CASTRO, 2017).

Na primeira edição do curso foi realizada a Conferência Livre de Acessibilidade Cultural para PcD junto ao I ENAC. As propostas apresentadas foram qualificadas pelos discentes ao longo da formação resultando num documento com 90 propostas para a III Conferência Nacional de Cultura. Na Conferência Nacional foi aprovada junto aos demais proposições de luta pelo direito cultural, a proposta 3.18³, que se destacou no final como uma das prioritária do eixo IV Direitos Humanos e Cultura. Além desta, cabe registrar a aprovação das propostas 3.13 e 3.11 (DORNELES; CARVALHO; SILVA, 2017).

No âmbito de graduação, incluiu-se a Disciplina de Terapia Ocupacional e Acessibilidade Cultural dentro do currículo obrigatório do Curso de Terapia

³Proposta 3.18. -Por meio de capacitação e qualificação de recursos, implementar políticas de acesso às pessoas com deficiência, incapacidade temporária e /ou mobilidade reduzida, à produção, circulação e fruição de bens e serviços culturais ao: a) disponibilizar os sistemas de acesso aos mecanismos públicos de fomento em formato conforme o conceito de acesso universal à informação (entendendo que a LIBRAS não é uma modalidade comunicativa de acesso à Língua Portuguesa); b) garantir a presença dos itens que contemplem os recursos de tecnologias assistivas e/ou ajudas técnicas nos editais de acesso aos mecanismos de fomento; c) produzir conteúdos em formatos acessíveis através da comunicação ampliada e alternativa (CAA) para atender aqueles que têm necessidades informacionais específicas além da interpretação para a LIBRAS a fim de atender a especificidade linguística dos surdos, acerca do patrimônio cultural material e imaterial, conforme todas os níveis de ensino: fundamental, médio, superior e educação de jovens e adultos (EJA) e as características regionais; d) promover a capacitação para a Plena Acessibilidade Cultural e Artística dos agentes culturais, movimentos sociais e entidades culturais públicas e privadas, atuantes na área de educação e cultura; e) promover a capacitação dos mediadores, gestores, técnicos e avaliadores dos editais públicos tendo como condição sine qua non a participação da pessoa com deficiência para a validação do processo; f) Garantir o fomento, circulação e manutenção de artistas e coletivos com deficiência em acordo com as resoluções da Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para pessoas com deficiência gravada na Nota Técnica 001/ 2009 da SID/MINC; g) Criar e apoiar programas, projetos e ações de acessibilidade e produção cultural nas suas dimensões arquitetônica, comunicacional, metodológica, instrumental, programática, tecnológica e atitudinal para o público, bem como para os agentes culturais, grupos coletivos e artistas que incluam pessoas com e sem deficiência.

Ocupacional da UFRJ. A disciplina possui o objetivo de apresentar o campo da Terapia Ocupacional junto à acessibilidade cultural a partir das experiências existentes, bem como os processos criativos e de fruição artística em TO.

Ao longo da disciplina, os discentes se aproximam de métodos, instrumentos e técnicas de acessibilidade como audiodescrição, exposição sensorial, recursos táteis, Libras, contexto das políticas públicas e de acessibilidade. Como demanda trazida pelos alunos da primeira turma (2018.1) foi realizada a Conversa sobre Acessibilidade Cultural no MGeo (IGEO/UFRJ), em parceria com o Museu da Geodiversidade e o Projeto ReabiliArte da UFRJ.

Com a mediação e monitoria realizada organizou-se o evento que contou com uma divulgação *online*, a qual pessoas interessadas informaram *e-mail*, nome, idade, telefone, cidade de origem, curso e campus, se é uma pessoa com deficiência e caso sim, qual deficiência. De modo que pudesse conhecer melhor as pessoas interessadas. A divulgação foi realizada por meio eletrônico utilizando redes sociais. O objetivo era possibilitar diálogo sobre a implementação das políticas de acessibilidade junto a pessoas com deficiência.

Participaram no total vinte e três pessoas na Conversa, sendo autodeclaradas na inscrição três PcD e vinte PsD que puderam trazer as possibilidades de recursos para diminuição das barreiras ainda existentes e o retorno sobre o processo que vêm se dando de acessibilidade e inclusão, assim como dos recursos disponíveis. Na roda de conversa que se deu ao final da atividade, todos avaliaram como positiva a troca em torno da cidadania cultural.



Figura 3 - Grupo participante da "Conversa sobre acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade" em frente a entrada do referido museu.



Figura 4 - Grupo que participou da "Conversa sobre acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade" em mediação no Paleojardim.

Figura 5 - Grupo participante da "Conversa sobre acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade" em mediação no módulo "Minerais".

[Figura 3 - Foto do grupo com pessoas com e sem deficiência em pé, todos estão de costas para a câmera e virados de frente para o mediador Eduardo que está de frente para a câmera no hall de entrada do Museu da Geodiversidade.

Figura 4 – Grupo com pessoas passando pelo módulo a céu aberto onde há plantas ao redor e ao centro da imagem participante surdo está conversando em Libras com mediador e envolta de ambos esta parte do grupo os acompanha caminhando.

Figura 5 – Grupo em pé e em roda perto de um geodo de ametista enquanto acontece a mediação.]

A segunda turma de TO e Acessibilidade Cultural (2018.2), a partir da mesma ementa, teve outra atividade prática pensando na continuidade das ações dentro dos

espaços culturais da UFRJ. Em parceria com o Museu de Anatomia aplicou-se a “Avaliação de Acessibilidade (versão resumida)”, “Acessibilidade – Avaliação preliminar” e “Ambientes Culturais” desenvolvidas pelo Núcleo de Design Gráfico Ambiental da UFRGS (Prof. Eduardo Cardoso). A turma se dividiu em grupos e iniciou a avaliação a partir de três locais diferentes tendo como ponto de partida a parada de ônibus mais próxima à entrada, como determina a avaliação. Após foi apresentado o resultado da avaliação em sala para se pensar possíveis estratégias e ações que a próxima turma de TO e Acessibilidade Cultural pode vir a desenvolver para a acessibilidade do Museu de Anatomia.

Aproximar as discussões, assim como contribuir para acessibilidade e inclusão dentro dos espaços culturais da UFRJ tem sido um desafio daqueles que engajados tem buscado alternativas para a implementação das políticas que asseguram o direito cultural das pessoas com deficiência. O relato acima demonstra a contribuição da terapia ocupacional da UFRJ em diferentes contextos de promoção e implementação da política cultural para pessoas com deficiência. Verifica-se o compromisso com uma formação nacional para apoiar o MinC na execução da política nacional de cultura, auxiliando-o na concretização da meta 29 do PNC; bem como na preocupação de capacitação interna de servidores da UFRJ na implementação da política de acessibilidade cultural em seus ambientes culturais. Nesta perspectiva, entre as parcerias iniciadas no âmbito da instituição destaca-se o Museu da Geodiversidade, que como foi demonstrado acima, tem sido um campo de experimentação, inventividade e formação, não só para os discentes da terapia ocupacional e da especialização, mas de outros pares que tem se unido em prol da cidadania cultural das pessoas com deficiência.

6_ACESSIBILIDADE CULTURAL E MUSEU DA GEODIVERSIDADE

O Museu da Geodiversidade é um museu universitário vinculado ao Instituto de Geociências (IGEO/UFRJ). Inaugurado em 2007, sua exposição atual “Memórias da Terra” começou a ser idealizada em maio de 2011 e busca apresentar a evolução da Terra ao longo do tempo geológico e é pautada em três pilares: conhecimento, estética e tecnologia (CASTRO, 2014). Sua exposição foi desenvolvida numa área de cerca de 600m², subdividida em 11 módulos, seu acervo contém elementos da geodiversidade tais como rochas, minerais e fósseis e relaciona sua importância para a sociedade.

A exposição é um instrumento de comunicação poderoso que propicia a conexão entre ciências e um público-leigo. Por se tratar de um museu de ciências há um desafio em pensar a acessibilidade e a inclusão (CASTRO, 2014).

Ao trazer a função social dos museus, Castro (2014) atenta sobre a necessidade de um espaço museológico atuar como locais para a fruição, conhecimento, autoconhecimento e afirmação da identidade sociocultural de todos os seus frequentadores. Desta forma é muito importante refletir sobre a forma como hoje o museu se comunica, para verificar se este é um espaço inclusivo.

Em 2013, a equipe do MGeo submeteu o projeto “Um museu para todos: adaptação da exposição Memórias da Terra (MGeo-IGEO/UFRJ) para a inclusão da pessoa com necessidades especiais”⁴, sendo aprovado em fevereiro de 2013 no edital PRÓ-CULTURA E ESPORTE na Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ (PR-5) e, deste então, o projeto vem recebendo bolsas para seu desenvolvimento. No entanto, apesar dos esforços da equipe, o MGeo não recebe recursos próprios da universidade e depende dos recursos repassados ao IGEO o que dificulta a implementação de recursos e modificações necessárias para acessibilidade do espaço.

Em 2014, Aline Castro, museóloga do Museu da Geodiversidade e coordenadora do projeto fora convidada a participar do CEAC na cota de vagas para os servidores da UFRJ. Ao longo do curso pode alcançar novas perspectivas sobre acessibilidade, compreender suas dimensões, aspectos da pessoa com deficiência e inclusão.

⁴A nomenclatura “Pessoa com necessidade especial” utilizado na ocasião de submissão do projeto não é mais adequada e o nome do projeto foi modificado.

O Trabalho de Conclusão de Curso da CEAC foi elaborado em cima do Museu da Geodiversidade e teve base metodológica “Temas de Museologia: Museus e Acessibilidade (MINELO, 2004); Many voices making choices: museum audiences with disabilities, Australian Museum and the National Museum of Australia (LANDMAN; FISHBURN; KELLY & TONKIN, 2005); Protocolo de evaluación de las condiciones de inclusión em equipamentos de ocio (GORBEÑA; MADARIGA & RODRIGUEZ, 2002); o formulário de avaliação de acessibilidade desenvolvido pelo Núcleo de Design Gráfico Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROF. EDUARDO CARDOSO) e o formulário de avaliação de acessibilidade desenvolvido por Amanda Tojal (Arte e inclusão) (CASTRO, 2014).

Tal estudo vem desenhando a implementação das políticas de acessibilidade para pessoas com deficiência junto a equipe e ao público do MGeo no intuito de reduzir as barreiras existentes.

6.1 Das iniciativas de acessibilidade no Museu da Geodiversidade junto a Terapia Ocupacional

A equipe do MGeo sempre teve um caráter interdisciplinar, contando com discentes e profissionais das mais diversas áreas em suas frentes de pesquisa e extensão. O projeto de extensão que envolve as ações e estratégias de Acessibilidade Cultural conta hoje em sua equipe com profissionais das seguintes áreas:



Figura 6 -Imagem representado a interdisciplinaridade presente na equipe do MGeo. Desenvolvida por Nathally Rosário, 2018.

[No centro há uma mão esquerda com a palma virada para cima, apoiada nessa mão esta uma tela de computador e há quatro desenhos saindo da tela todos com borda circular, que são: um símbolo de deficiência auditiva, deficiência física, deficiência visual e uma mão com a palma virada para frente. Em volta retângulos ligados por setas para os dois lados interligando áreas profissionais, no sentido horário esta Terapia Ocupacional, Arquitetura e Urbanismo, Letras-Libras, Geologia, Ciências da Computação, BCMT, Geografia e Museologia.]

Ao longo do projeto vem sendo possível perceber o domínio e a contribuição que cada área tem dentro da equipe, compartilhando conhecimento e contribuindo com ideias na construção de um espaço acessível e inclusivo.

Destaca-se na atuação dentro do projeto a participação de estudantes de arquitetura com compreensões aprofundadas sobre *design*, conceitos físicos e visuais, utilização de *softwares* para a construção de ferramentas; BCMT, Geologia e Geografia com o domínio dos conceitos acerca da geodiversidade, da mediação no MGeo, construção de Tecnologia Assistiva; Ciência da Computação com o

conhecimento de linguagem e desenvolvimento de sistemas; Letras-LIBRAS no conhecimento sobre cultura surda, mediação em LIBRAS e outros aspectos da surdez e deficiência auditiva; Museologia com o conhecimento sobre as dinâmicas de um espaço museal, suas possibilidades e adaptações e a Terapia Ocupacional com o conhecimento técnico de Tecnologia Assistiva, articulação de rede, aspectos relativos a deficiências e através do trabalho em equipe tem sido possível articular os conhecimentos e a aproximação com a Acessibilidade Cultural, a qual muitos dos cursos ainda não tem tal discussão dentro de seu currículo.

A participação da Terapia Ocupacional no projeto se dá desde 2014 com a participação de discentes e terapeutas ocupacionais. A experiência da terapia ocupacional da UFRJ na pauta da acessibilidade cultural tem contribuído em nível nacional com a identidade de um grupo da categoria que se debruça nos últimos anos à construção de um perfil profissional que atua junto às políticas culturais e tem tido a oportunidade de contribuir para o fortalecimento das políticas de fomento à diversidade cultural. Este grupo vem pautando a valorização deste profissional e de suas ações como um campo de formação e de identidade “terapia ocupacional e cultura”. Entre diferentes diálogos conceituais, cabe destacar a contribuição de Brito; Santiago & Agostini (2011) que apontam:

La vida cotidiana es la vida de todo ser inserto em la cultura. Es em esse espacio ritualístico común –donde nos movemos, donde vivimos y realizamos nuestras experiencias prácticas, éticas y estéticas regularmente, donde experimentamos continuamente el mundo em que vivimos- , em el que somos absorbidos por la cotidianeidad y de ella no nos podemos desligar (p. 11).⁵

Nessa perspectiva a Terapia Ocupacional, ao contribuir no processo de promoção de acessibilidade cultural para pessoas com deficiência, potencializa a qualificação do capital cultural desta população, auxilia na constituição de novas redes e ampliação do cotidiano de pessoas que passam por limitações em seu desempenho ocupacional. Inicialmente a atuação da TO se faz através de seus conhecimentos sobre as deficiências e patologias limitantes, bem como através de sua competência acerca da tecnologia assistiva (SALASAR, 2017). A perspectiva de

⁵Tradução livre: A vida cotidiana é a vida de todo ser inserido na cultura. É nesse espaço ritualístico comum – onde movemos, onde vivemos e realizamos nossas experiências práticas, éticas e estéticas regularmente, onde experimentamos continuamente o mundo em que vivemos-, em que somos absorvidos pela cotidianidade e dela não nos podemos desligar (P. 11).

atuação do terapeuta ocupacional para a promoção da autonomia, participação, inclusão social e promoção dos direitos humanos tem auxiliado a construção da prática da TO na promoção da cidadania cultural das pessoas com deficiência, atuando nos ambientes culturais. Esta perspectiva de atuação tem proporcionado um processo de democratização do uso destes ambientes, e inserindo-os como espaços significativos de identidade, referência cultural bem como de espaço de convivência, criação e invenção.

O acesso a bens culturais é fundamental para uma boa formação cidadã dos indivíduos, em vista disso é necessário o constante desenvolvimento de ferramentas e estratégias para a acessibilidade e inclusão nesses espaços garantindo a cidadania cultural para pessoas com deficiência no intuito de promover maior fruição estética e acolhendo a diversidade da sociedade. Identificar as barreiras que ainda existem e precisam ser superadas para desta forma provocar alterações na vida de cada sujeito até o contexto da coletividade, proporcionando a criação de uma memória cultural coletiva e resgate de como o indivíduo se apropria do mundo de modo singular.

Essa experiência tem possibilitado a todos que participam do projeto a construção de dinâmicas e caminhos em prol da diversidade, acessibilidade e inclusão dentro da universidade e que tem nos proporcionado à levar para nossas profissões e relações cotidianas.

O caráter de extensão vai de encontro com umas das premissas da acessibilidade que é o lema “Nada sobre Nós sem Nós”, buscando aproximar PcD do processo de acessibilidade e inclusão dentro do MGeo. Com a extensão é possível articular a participação com pessoas fora da instituição através de rodas de conversa e oficinas, bem como sensibilização sobre o tema. É de grande importância que PcD tenham participação ativa nesse processo, da mesma forma que a criação de ferramentas seja com base no desenho universal e possibilite o use para todos de forma equitativa não ocasionando segregação na experiência dentro do MGeo.

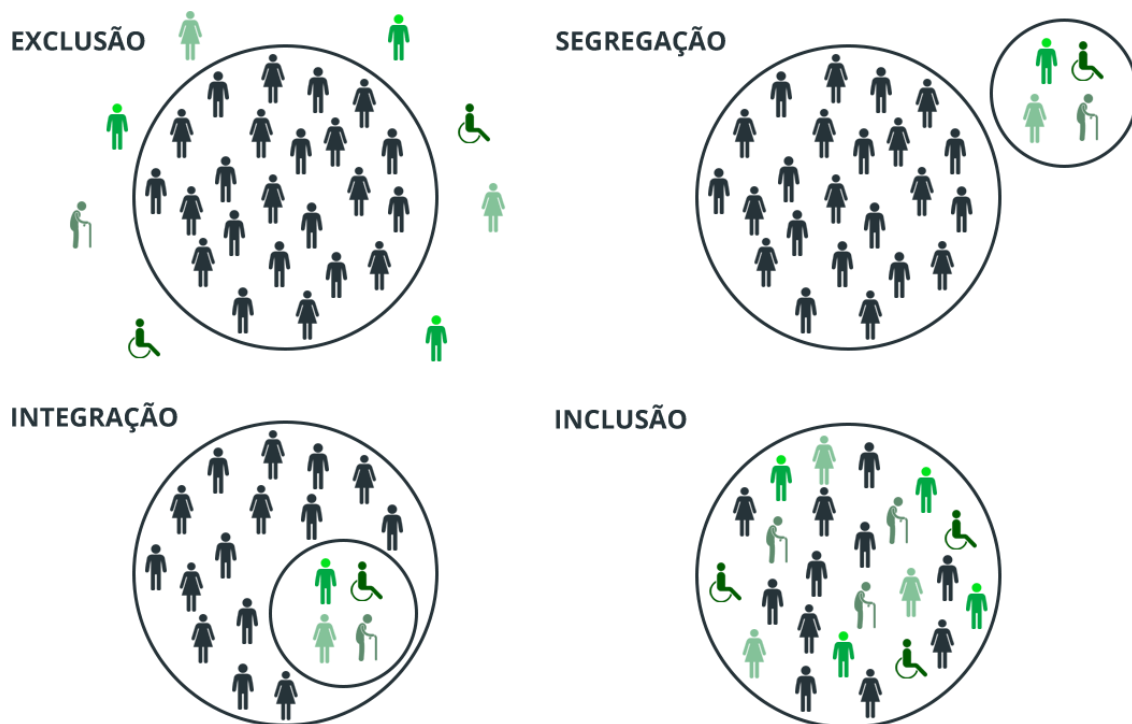


Figura 7 - Possibilidades de ambientes sociais
 Fonte: <http://www.abcesclerosemultipla.com.br/2017/06/inclusao-social.html>
 Adaptado por Nathally Rosário.

[Uma imagem quadrada sem bordas, separada em quatro partes por linha centrais. Fundo branco e ilustrações em diferentes tons de verde. Na parte superior a esquerda esta ilustrado dentro de um círculo com bordas PsDs e ao redor do círculo fora das bordas tem PcDs com diversas especificidades, abaixo do círculo esta a palavra “Exclusão”. Na parte superior a direita há dois círculos um maior com PsDs e outro círculo menor ao lado do grande com PcDs, abaixo esta escrito “Segregação”. Na parte inferior a esquerda há um círculo menor com PcDs dentro de um círculo maior com PsDs, abaixo esta escrito “Integração”. Na parte inferior a direita da imagem há um grande círculo com pessoas com e sem deficiência, abaixo esta escrito “Inclusão”.]

Com as experiências já realizadas foi destacada a dificuldade em relação aos conceitos científicos do acervo do MGeo que muitas vezes não tem sinais em LIBRAS e podem trazer dificuldades de comunicação para parte do público. O piso tátil tem sido outro desafio para ser implementado, seja pela falta de empresas

capacitadas a estudar o roteiro ou a estar apta a participar de contratação por órgão público.

O MGeo passa por constantes modificações, seja na mudança da disposição dos mobiliários e acervo, seja na inserção de novos itens fazendo necessária constantes avaliações sobre a acessibilidade. Parte dessas avaliações são realizadas a partir de pesquisa de campo junto a pessoas cegas e deficientes visuais e em espaços culturais diversos para se pensar alternativas funcionais de utilização de sinalização podotátil, como colocar piso de alerta no limite de um módulo para o outro, sinalizando a mudança do conteúdo expositivo. Tais ferramentas contribuem para alcançar as pessoas com e sem deficiência em um processo inclusivo para ampliar os conhecimentos e qualificar o repertório cultural dos envolvidos.

Das ações desenvolvidas junto a formação em Terapia Ocupacional para o MGeo estão discriminadas nos tópicos a seguir:

6.1.1 GLOBO TERRESTRE SENSORIAL

Esse recurso foi pensado para ser um esquema didático feito com materiais de baixo custo e que possibilitasse ampla utilização por pessoas interessadas. O globo terrestre tem objetivo de trazer conhecimento da disposição e localização espacial do planeta Terra em escala reduzida e projeção interrompida, assim como demonstrar de forma simplificada a parte interna com texturas variadas e temperatura para ter um contato com a representação da estrutura do interior da Terra. Pode ser elaborado em equipe/grupos ou individualmente, para as mais variadas instituições de ensino e cultura.

Ao trazer um recurso para além do visual, busca-se por estimular outros sentidos no processo de aprendizagem. Através da sinestesia, associando múltiplos sentidos, poderemos ampliar a concepção, relacionar conceitos básicos do planeta junto a funções como a coordenação motora, cognição, consciência espacial no conhecimento da área de Geologia e Geografia. A experiência estética é presente no processo de criação e seu resultado, revelando ligação entre a informação, sensação, o ser e o perceber.

O objeto foi projetado com peso e tamanho proporcionais para que possa ser manuseado por pessoas com controles musculares diferentes, sem alterar a percepção de distância e sem exigir esforço físico. A parte externa do objeto foi

modelada para diferenciar texturas e evidenciar elementos importantes da superfície terrestre. Sua parte interna é constituída por um núcleo feito de uma concha de ferro capaz de emanar calor e diferentes texturas para diferenciar as camadas. O interior do objeto também possui um aparelho de som instalado atrás da base do núcleo, tornando a bola de isopor uma caixa acústica capaz de emitir vibrações ao usuário e assim passar a sensação de constante movimento.

Os materiais utilizados para a construção do recurso foram os mais variados. Para a base, utilizou-se esfera de isopor bipartida, onde um triângulo foi recortado da parte superior para que fosse possível o uso das mãos para perceber através do tato as diferentes camadas internas da Terra (manto, núcleo externo e núcleo interno). Foram utilizados EVA para o manto, sutiã de silicone para o núcleo externo e uma concha de feijão para o núcleo interno. Para demonstrar a alta temperatura do núcleo externo foi instalada abaixo a concha uma lâmpada de 7w e sua temperatura pode ser controlada através de um *dimmer*, utilizado em ventiladores.

O Globo Terrestre Sensorial foi testado na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e resistiu bem ao manuseio. O globo permaneceu dentro de uma caixa preta para que as pessoas não tivessem o auxílio visual para identificação do objeto, e assim buscassem reconhecer todas as suas características pelo tato. Com a representação do globo terrestre evidenciou-se a noção da dimensão e espaço da Terra, sua estrutura interna, limites das placas tectônicas, continentes e oceanos.



Figura 8 - Protótipo do Globo sensorial, parte externa em evidência.

Figura 9 - Protótipo do Globo sensorial, parte interna em evidência.

[Foto à esquerda: globo terrestre sensorial dentro de uma caixa preta. Foto à direita: Globo terrestre sensorial com a tampa triangular aberta mostrando as camadas internas

(núcleo interno, núcleo externo e manto), ao redor do objeto há duas mãos abertas indo em direção ao globo encaixado nos buracos da caixa próprio para os braços.]

6.1.2 MAPA TÁTIL DE LOCALIZAÇÃO

Outro recurso que vem sendo elaborado pensando a acessibilidade é um mapa tátil de localização. Uma pesquisa inicial realizada em ambientes diversos como estações de transporte público, espaços culturais privados e banco de imagens online. Foi iniciada uma pesquisa interna no Museu da Geodiversidade para se pensar em como o usuário utiliza o espaço e se orienta considerando a autonomia e independência dos sujeitos.

Participaram da elaboração do recurso bolsistas de Arquitetura e Urbanismo inseridos no projeto de extensão que visa acessibilizar o MGeo. A proposta foi criar um mapa de localização que pudesse ir além do visual, que também fosse tátil para que todo o público pudesse compreender a dinâmica do espaço do MGeo e caminhar por ele com autonomia. O mapa tátil possibilita a exploração do espaço de forma autônoma, bem como o seu acervo.

Em cima da planta baixa em tamanho A3 (420 x 297mm) foi feito um protótipo com base em papel Paraná, separando os módulos do museu. Foram moldados a partir de impressão a tinta, representados com EVA, recortados com estilete, fixados com cola de EVA e etiquetas feitas em acetato com auxílio de uma reglete positiva. Para cada um deles foi escolhida uma cor diferente para que a pessoa captasse a mudança de ambiente, assim como a passagem do tempo exposta no acervo. Após avaliação da equipe foi verificado que a quantidade de cores deixava o mapa confuso e algumas cores apresentavam pouco contraste, dificultando a identificação para algumas pessoas com deficiência.



Figura 10 - Primeiro Protótipo do mapa tátil de localização

[Imagem retangular. Base tamanho A2 em papel Paraná na parte central salas feitas a partir da planta baixa recortada manualmente em EVA nas cores laranja, rosa, azul, verde bandeira, preto, amarela, marrom, rosa claro, vermelho, verde claro e branco buscando contrastes e nos limites das salas foi usado EVA preto em –mm. Abaixo há legenda impressa a tinta e por cima a legenda feita em acetato com reglete positiva.]

O segundo protótipo foi pensando de forma mais elaborada. Através de parceria com o LAMO 3D da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) foi utilizada uma impressora *laser* para realizar os cortes e rematar o acabamento. Com isso obtivesse uma maior durabilidade do protótipo para a nova fase de testes. A base permaneceu em papel Paraná, mas dessa vez, duplicada para se tornar mais resistente e com acabamento em papel *color plus* azul escuro. Ao invés de representar os módulos por placas densas, apenas as paredes dos módulos foram representadas com espessura de 4mm. O circuito expositivo e a sugestão de roteiro foi indicado no mapa através de uma representação similar ao piso tátil, sinalizando as rampas; os locais de parada tais como os corredores de circulação dentro do espaço do museu, as portas entre módulos e outras paradas na parte interna.

Utilizou-se a logo do MGeo para sinalizar os locais onde há acervo disponível para toque a todo e qualquer visitante; foram expostos os banheiros, o Centro de Estudos de Mudanças Ambientais (CEMA), onde ocorrem as atividades educativas

do museu, saída de emergência e o caminho até os mesmos. Também se verificou a necessidade de identificar a entrada e saída do MGeo e cada sala foi sinalizada com um número que remetia à legenda localizada na parte inferior do mapa, com o nome dos módulos.

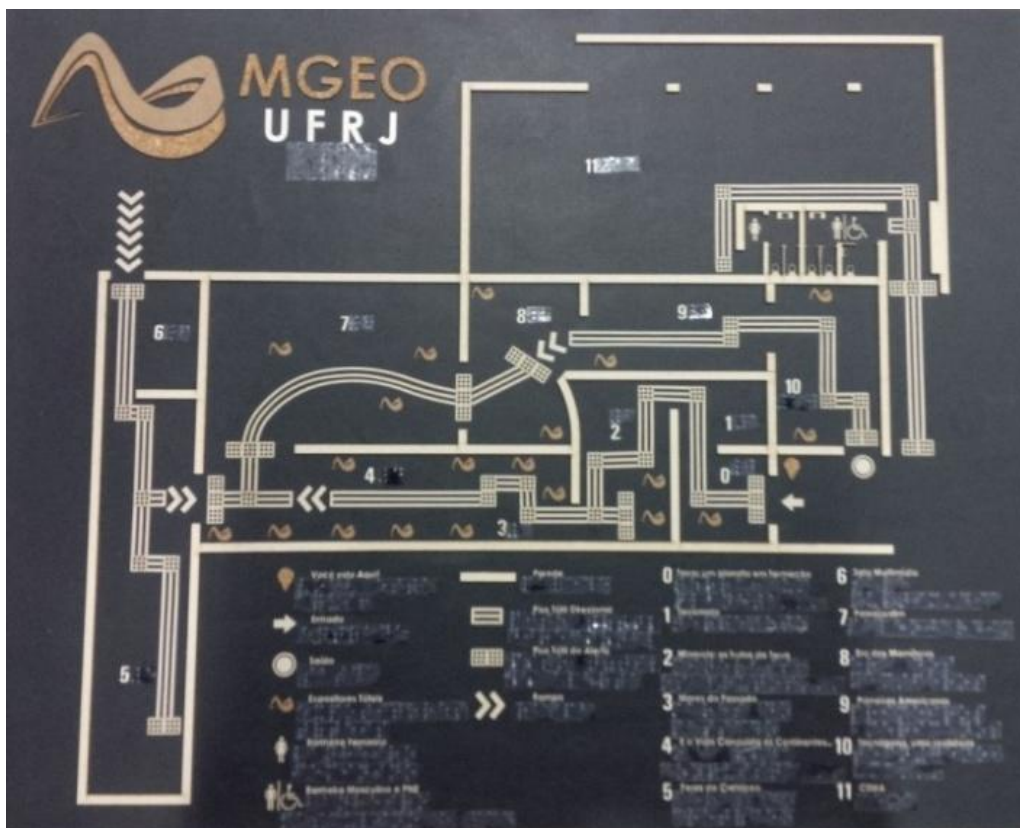


Figura 11 - Segundo protótipo de mapa tátil de localização – Imagem geral.

[Imagem retangular. Mapa com fundo preto, na parte superior a esquerda na cor bege há a logo do MGeo, ao seu lado esta escrito “MGeo”, Abaixo “UFRJ” e abaixo esta escrito em Braille. O mapa em seu tamanho real tem aproximadamente o tamanho de um papel A2. Dentro da planta baixa demonstra sugestão de roteiro para visita, acervos disponíveis ao toque, banheiros e uma sequência numérica para localização dos espaços. Abaixo do mapa tem uma legenda informando todos os símbolos contidos no mapa.]

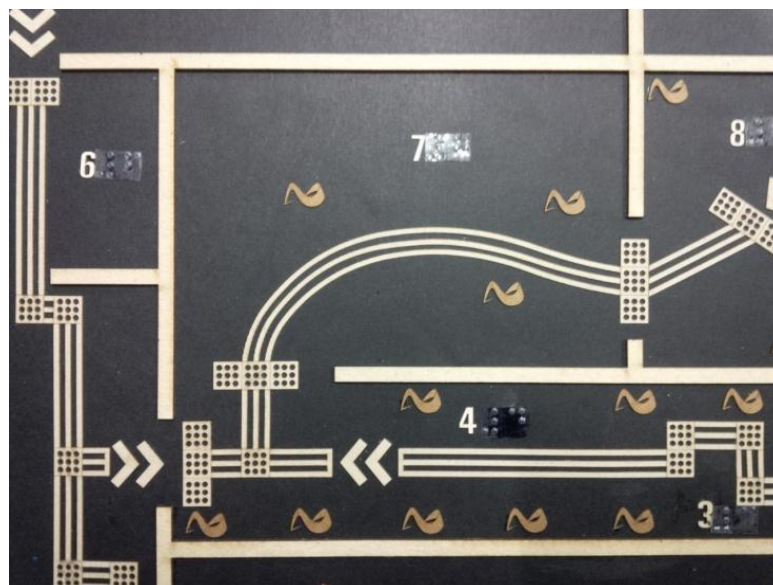


Figura 12 - Detalhes do segundo protótipo de mapa tátil de localização.

[Recorte do mapa tátil de localização que mostra do módulo 3 ao 8. No fundo preto estão em contraste os detalhes das paredes em na cor bege claro, pequenas logos do MGeo bege escuro simbolizando os acervos táteis, sugestão de roteiro orientado por sinalização podotátil fora de escala e numeração dos módulos em numeração visual e em Braille.]

Em continuidade a elaboração de um mapa tátil de localização, vem se construindo protótipos em parceria com o LAMO 3D (FAU/UFRJ) para que seja possível a verificação da funcionalidade dos mesmos em encontros junto ao público do Museu da Geodiversidade. Testes das salas e para a confecção da legenda em Braille estão acontecendo e o desafio está em descobrir um método para dar um bom acabamento, esteticamente agradável.

O objetivo após verificar a funcionalidade do mapa tátil é a sua implementação em acrílico no Museu da Geodiversidade. A seguir serão apresentados os protótipos realizados no ano de 2017.

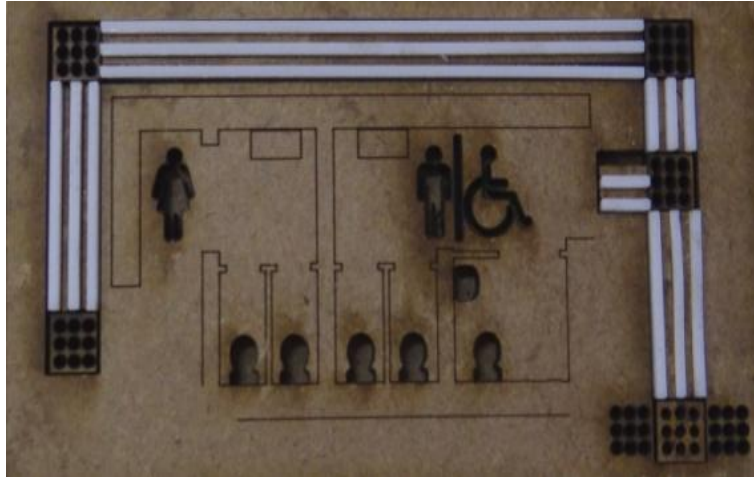


Figura 13 - Terceiro protótipo do mapa tátil de localização.

[Imagem retangular. Recorte da parte do banheiro do mapa, base em marrom claro e demonstração de piso tátil direcional em branco.]

Foi elaborado um protótipo para testar o mapa tátil em base MDF e informações sobre o caminho sugerido a se percorrer e localização dos vasos sanitários em acrílico encaixado e colados no MDF. Esse formato não apresentou um bom acabamento visual como mostra imagem.

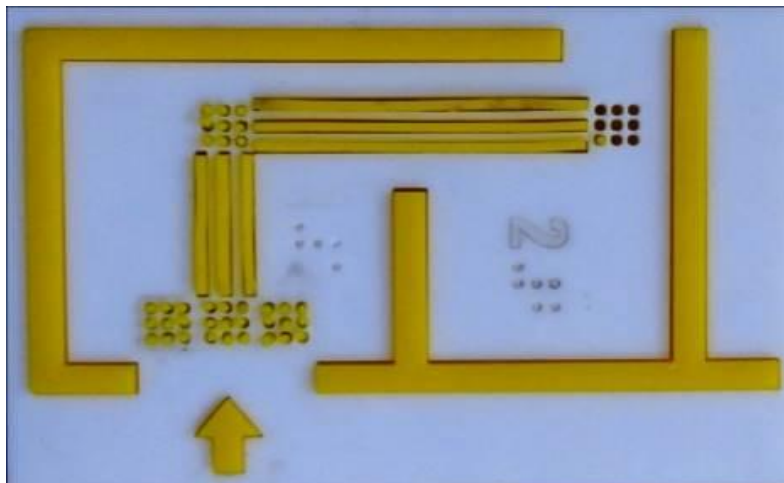


Figura 14 - Quarto protótipo de mapa tátil de localização.

[Imagem retangular. Recorte do módulo 1 e 2 do MGeo, base branca e paredes e sinalizações em amarelo.]

Protótipo com base em acrílico branco e informações sobre roteiro sugerido, paradas e módulo em acrílico amarelo encaixados e colados na base branca com espessura de 1mm de altura sobressalente.

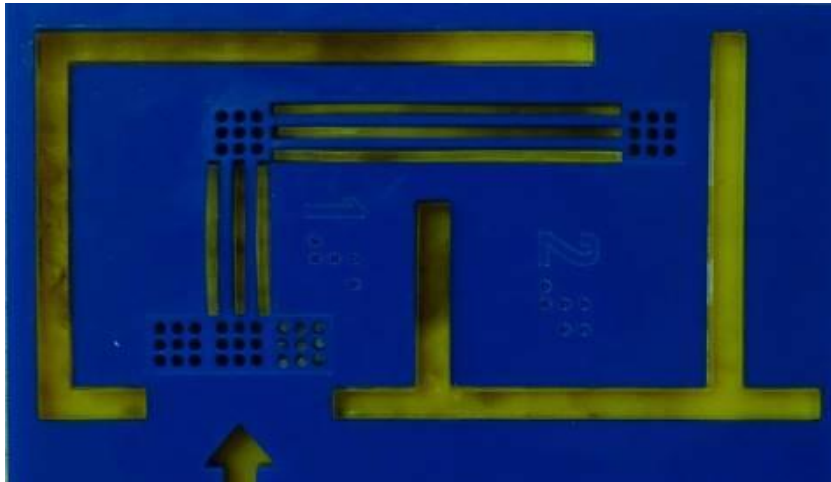


Figura 15 - Quinto protótipo de mapa tátil de localização.

[Imagem retangular. Recorte do mapa tátil de localização dos módulos 1 e 2. Base azul, com fundo de corte com detalhes amarelo e relevo transparente.]

Protótipo com duas bases em acrílico, a primeira e superior azul e base de fundo amarela, informações sobre roteiro sugerido e os limites da sala em acrílico transparente encaixado e colados na base azul. Foi verificado uma diferença na impressão à *laser* sem o plástico protetor que vem no acrílico, após a retirada a máquina apresenta manchas de queimadura no material. Assim é necessário o corte com o plástico que vem na placa de acrílico.

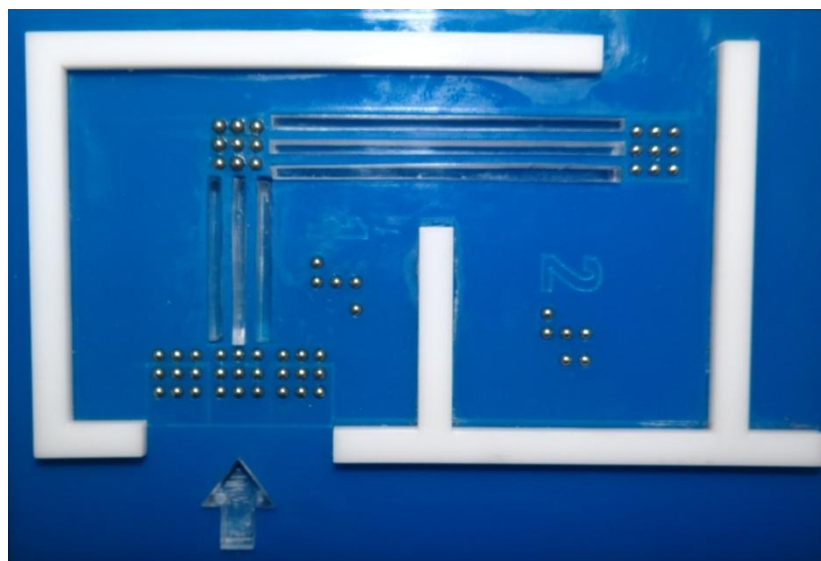


Figura 16 – Sexto protótipo do mapa tátil de localização.

[Imagem retangular. Recorte do módulo 1 e 2 em base azul e paredes brancas, roteiro sugerido com ilustração do piso podotátil direcional transparente e sinalização das paradas em esferas de aço.]

Base em acrílico azul, paredes em acrílico branco colado sobre a base (2mm de espessura sobressalente). Peças do roteiro sugerido em acrílico transparente encaixado e colado (1mm de espessura sobressalente) piso de alerta e numeração das salas em esfera de aço.



Figura 18 - Legenda feita com reglete positiva em plástico.



Figura 17 - Legenda feita em acrílico sobre acrílico utilizando impressora *laser*.



Figura 19 - Legenda feita com esfera de aço própria para Braille e impressa a laser.

[Figura 16 – Imagem retangular. Fundo marrom claro, base da etiqueta verde com escrita em Braille. Figura 17 – Fundo branco e ponto Braille azul. Figura 18 – fundo branco e ponto Braille em esfera de aço.].

Os testes para elaboração da escrita Braille sobre o acrílico, onde inicialmente foi utilizada capa plástica de encadernação, que não alcançou um bom acabamento. Na segunda experiência foi utilizado acrílico sobre acrílico, onde foi cortado na máquina *laser* a base e as peças para encaixar, no entanto ficou muito áspero para o toque e disforme. A terceira experiência foi adquirido esferas de aço de 1,5mm próprias para escrita Braille e após o corte cilíndrico de 1,3mm na impressora à laser no acrílico, as esferas foram encaixadas manualmente. No entanto por a impressão ser *laser* e resultar em diferentes diâmetros no corte que envolve temperatura a impressão em acrílico muitas das esferas precisaram ser fixadas manualmente com cola instantânea.

6.1.3 LIVRO COM CONTEÚDO DA EXPOSIÇÃO EM BRAILLE



Figura 20 - Capa do livro impresso em Braille.
Figura 21 - Detalhe do livro impresso em Braille.

[Duas imagens quadradas. Figura 20 – livro com folha A4 branca com capa transparente aberta, fundo abaixo do livro escuro. Figura 21 – Folha branca com um mapa em ponto Braille, canto superior esquerdo com detalhe do fundo escuro.]

O livro em Braille foi pensado a partir da demanda de disponibilizar as informações do MGeo para pessoas cegas e com baixa visão, uma vez que ainda não foi possível a inserção dessas informações de forma fixa na exposição.

O livro é estruturado da seguinte forma: capa, apresentação, sumário, mapa impresso de cada módulo sinalizando os acervos acessíveis ao toque, seguido das etiquetas dos mesmos e texto(s) contidos no módulo, os capítulos se seguem na

ordem do roteiro sugerido nas mediações. O livro foi desenvolvido pela equipe do MGeo em parceria com o Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da UFRJ, que cedeu a impressora Braille e com o uso de *software* Braille Fácil desenvolvido por eles. Onde a partir do *software* Braille Fácil e a Impressora Index Everest dv4, torna possível a impressão de textos em Braille a partir de textos usuais de videntes. A verificação da funcionalidade junto a pessoas com deficiência visual deste material se mostra essencial antes da disponibilização ao público.

6.1.4 AUDIODESCRIÇÃO

Na segunda turma do Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural, o Museu da Geodiversidade foi o museu-escola e uma das atividades da turma foi a elaboração de um roteiro de audiodescrição. O roteiro continha os principais pontos dos módulos descritos. Em revisão realizada pela equipe no MGeo foi organizada a ordem dos objetos descritos partindo da esquerda para direita procurando orientar de forma mais prática a disposição dos módulos. O próximo passo é a gravação do material e a disponibilização para o público.

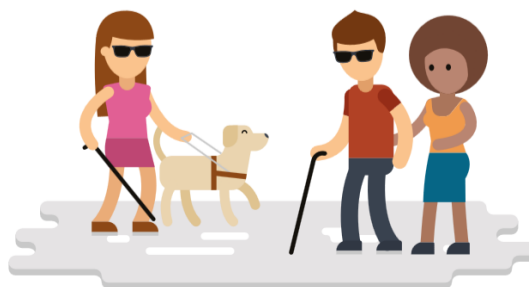


Figura 22 - Símbolo da audiodescrição.

Figura 23 - Imagem ilustrativa a partir de cegos e deficientes visuais.

[Figura 22 – estão dispostas as letras “A” e “D” (audiodescrição) e três parênteses com a parte côncava virada para as letras. Figura 23 – ilustração com três pessoas, uma figura feminina de óculos escuros, com roupa rosa, segurando uma bengala na mão direita acompanhada do cão guia ao eu lado esquerdo e esta passeando próxima a um uma figura masculina vestindo blusa vermelha e calça azul, com óculos que segura a bengala com a mão direita acompanhado de uma figura feminina que veste blusa amarela e saia azul, estão com os braços em contato.]

6.1.5 CARTILHA

A cartilha foi elaborada com informações sobre aspectos atitudinais em relação às pessoas com paralisia cerebral, deficiência visual, auditiva, deficiência física ou mobilidade reduzida, autismo e com deficiência intelectual sob a ética da diversidade e da não-discriminação. Assim pensando no micro, melhorar a recepção e acesso de todos ao espaço do museu e aos conteúdos de sua exposição e ao pensar em escala macro as relações de vida nas interações do cotidiano.

A cartilha vem sendo utilizada em capacitações e sensibilizações no IGEO-UFRJ abordando sobre os conceitos e prática da acessibilidade e inclusão, bem como promover a divulgação das propostas do MGeo e buscar a formação de público.



Figura 24 - Capa da cartilha "Aprendendo a lidar com a diversidade"

[Imagem retangular. Funda laranja, símbolos e palavras em branco. À esquerda tem parte da frase "Aprendendo a lidar com a" uma palavra abaixo da outra e ao lado na parte inferior a palavra "diversidade" em letras grandes. Acima da palavra diversidade há seis símbolos organizados em duas linhas, da esquerda para direita começando pela linha superior tem em referência a pessoa surda e com deficiência auditiva, ao lado direito simbologia da pessoa cega e com deficiência visual, em seguida da pessoa com mobilidades reduzida, abaixo a referência ao autismo, a

esquerda pessoa com deficiência intelectual e mais a esquerdo perto da palavras referêcia a pessoa idosa.]

6.1.6 CAPACITAÇÕES E SENSIBILIZAÇÕES

Como desdobramentos da elaboração da cartilha vem sendo realizadas atividades para discussão da dimensão atitudinal da acessibilidade. A seguir serão apresentadas tais atividades.

6.1.6.1 Curso De Extensão “Aprendendo A Lidar Com A Diversidade”

A primeira edição do curso foi realizada em 04 de agosto de 2015, com carga horária de 8 horas. Organizado por residentes, graduandas e docentes de Terapia Ocupacional a ação de sensibilização teve como público alvo professores da rede pública de ensino, profissionais de áreas culturais, a equipe de profissionais e os mediadores do MGeo.

Entre os objetivos do curso estão: discutir acessibilidade cultural, abordar a dimensão das barreiras atitudinais para recepção e atendimento com qualidade de pessoas com deficiência em museus e espaços culturais, viabilizar a cartilha, promover a divulgação das propostas do MGeo e buscar a consolidação de parcerias, visando a formação de público.

A ação possibilitou a criação de um espaço para discutir e refletir acerca de algumas das deficiências humanas existentes, e o direito ao acesso a espaços de cultura e o alcance do conteúdo abordado.

Para avaliação sobre o conteúdo abordado foi aplicado um formulário com perguntas antes da atividade acontecer e o mesmo formulário foi respondido após a conclusão da atividade para a partir dos resultados fazer melhorias para futuras edições do curso. O curso valida a extensão universitária como processo acadêmico, de formação de pessoas na e para sociedade e geração de conhecimento.

As sensibilizações acontecem em parceria com o Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ. No primeiro momento foram apresentados aspectos gerais da deficiência, políticas culturais e sobre Tecnologia Assistiva e suas possibilidades no processo de inclusão.

Foram utilizados recursos como tapa olho, cadeira de rodas, imobilizadores de membros superiores e inferiores, fones de ouvido e óculos que de diferentes formas

reduziam a visão dos participantes, os quais utilizavam esses recursos dentro do espaço expositivo para poder perceber como as limitações podem dificultar a fruição estética. A atividade se mostrou muito positiva com os mediadores que puderam perceber e repensar as mediações a partir da experiência. Importante ressaltar o cuidado de não se criar estigmas sobre pessoas com deficiência. A vivência foi realizada para que os participantes possam compreender como limitações interferem na independência e autonomia dentro de espaços em um breve momento e assim dar retorno sobre o Museu da Geodiversidade.

Outras edições do curso foram realizadas em diferentes formatos dependendo da disponibilidade de horário dentro de eventos realizado no IGEO.



Figura 25 - Organização da Capacitação “Aprendendo a lidar com a diversidade cultural”.
Figura 26 - Organização da Capacitação “Aprendendo a lidar com a diversidade cultural”.

[Figura 26 – Autora e residente no credenciamento do evento. Figura 27 – Duas docentes de TO, Cecília Silva e duas residentes de TO que estava na organização do evento.]

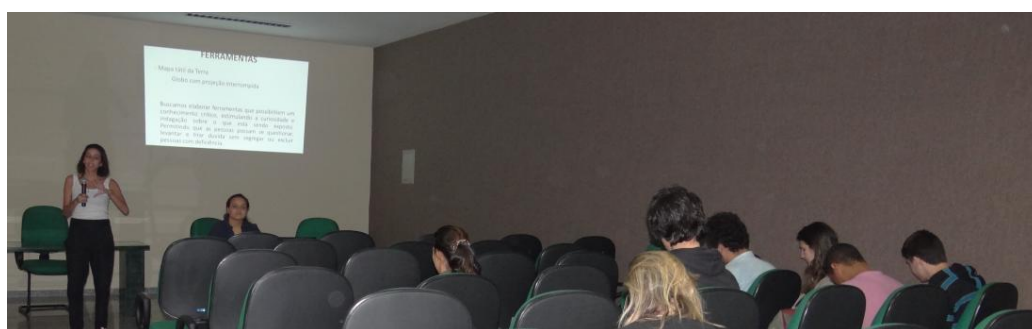


Figura 27 – Exposição sobre o projeto de Acessibilidade do MGeo na Capacitação 2015.

[Fotografia retangular. Projeção na parede ao fundo da apresentação do projeto realizada pela autora junto a outro discente de TO para o público que esta sentado, sete pessoas aparecem na foto sentadas.]



Figura 28 - Atividade de mediação no MGeo.
Figura 29 - Mediação com participantes da 1ª capacitação.

[Figura 28 – Foto do participante tocando o Geodo de ametista. Figura 29 – Três pessoas na foto uma sendo conduzida na cadeira de rodas e outras duas acompanhando logo atrás.]

6.1.6.2 *Oficina* de sensibilização "Aprendendo a lidar com a diversidade, na Semana de Integração Acadêmica - 8ª SIAC 2017

Na 8ª Semana de Integração Acadêmica que ocorreu em 2017 foi oferecida uma oficina de sensibilização com formato bem menor, mas com o mesmo público diverso - alunos, servidores e a comunidade externa ao público que estava participando da Semana de Ciência e Tecnologia. Uma turma de jovens do ensino regular experimentou o espaço expositivo do Museu da Geodiversidade com recursos já descritos nesse trabalho. O retorno sobre do grupo após a atividade foi positivo, alguns estudantes falaram como o fone de ouvido dificultou a comunicação com colegas, assim como o incômodo de não conseguir enxergar durante o percurso.



Figura 30 - Equipe participante da Sensibilização na 8ª SIAC

[Figura 30 – Imagem quadrada. Sete pessoas da equipe no MGeo estão próximas fazendo pose, ao fundo esta o painel de Microfósseis.]

6.1.6.3 Sensibilização Sobre Acessibilidade Cultural No Museu Da Geodiversidade

Nos dias 12 e 13 de novembro de 2018 foram realizadas novas sensibilizações com funcionários do IGEO e público interessado para retomada das discussões sobre a dimensão atitudinal nas relações do cotidiano.



Figura 31 - Sensibilização sobre acessibilidade cultural 2018.



Figura 32 - Recursos utilizados na Sensibilização sobre acessibilidade cultural 2019.

[Figura 31 – Imagem quadrada. Na fotografia há 12 pessoas, dez sentadas em roda. Ao fundo na parte superior à direita da imagem há uma projeção da cartilha “Aprendendo a lidar com a diversidade” e duas pessoas em pé filmando a atividade. Figura 32 – Imagem quadrada. A fotografia mostra em cima de uma mesa forrada com uma toalha de renda há uma caixa com tapa olho, outra caixa ao lado com óculos diversos e próximo as duas caixas 9 fones de ouvidos grandes.]

6.1.7 EVENTOS E OFICINAS SOBRE ACESSIBILIDADE

6.1.7.1 Oficina: Criação De Ferramentas Táteis Para A Compreensão Dos Processos Geológicos

Para a divulgação do Globo terrestre sensorial foi organizado dentro da programação do evento que comemorou os 50 anos do Instituto de Geociências (IGeo) no Centro de Ciências da Matemática e da Natureza (CCMN) uma oficina para elaboração do Globo Sensorial criado dentro da pesquisa de projeto de Extensão no ano de 2015 para difusão do conhecimento desenvolvido. Dessa forma disponibilizamos para que pudesse ser confeccionado dentro do horário da oficina: esferas de isopor bipartidas de 200mm, cola, tinta, EVA, emborrachados, pincéis, tesouras, estiletes, compasso, papel Paraná, material para papel machê e projeção interrompida em tamanho ajustado para que os oito (08) participantes pudessem aprender e produzir experimentando os recursos e suas possibilidades.



Figura 33 - Oficina: Criação de ferramentas táteis para a compreensão dos processos geológicos.

[Figura 33 - Imagem quadrada. Na fotografia estão em volta de uma mesa seis pessoas desenvolvendo em esferas de isopor 200mm a parte da crosta terrestre da Terra e ao fundo umas das mediadoras da atividade.]

6.1.7.2 Curso Cultura e Acessibilidade: Pesquisa, Formação e Produção

O curso se deu nos dias 11 e 12 de setembro de 2017, no Campus Centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com carga horária de 8 horas e objetivo de promover discussões, reflexões e difusão de conhecimentos acerca da temática da acessibilidade em ambientes culturais para promoção da inclusão das pessoas com deficiência. Junto a docentes do Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ pude contribuir com a apresentação do projeto de extensão Um museu para todos: Adaptação da exposição “Memórias da Terra” para pessoas com deficiência – IGEO/UFRJ e como a Terapia Ocupacional vem contribuindo nesse processo.



Figura 34 - Participantes do curso: Cultura e Acessibilidade: Pesquisa, Formação e Produção.

[Fotografia retangular. Nove pessoas estão abraçadas fazendo pose para foto após a finalização do curso].

6.1.7.3 Encontro Sobre Acessibilidade Em Ambientes Culturais

A participação no Encontro sobre Acessibilidade em Ambientes Culturais no dia 15 de setembro de 2017, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e pelo Laboratório de Tecnologia Assistiva do curso de Terapia Ocupacional, ambos

da UFPel, em parceria com o Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural da UFRJ/MinC teve o objeto de mostrar as ações da Terapia Ocupacional na implementação das políticas de acessibilidade, onde foi possível falar sobre as dimensões de acessibilidade (SASSAKI, 2009), Tecnologia Assistiva e demais ações e estratégias para acessibilidade cultural para pessoas com deficiência.



Figura 35 - Foto de participantes do Encontro sobre Acessibilidade em Ambientes Culturais no dia 15 de setembro de 2017

[Foto retangular. Oito pessoas estão em pé e a frente seis pessoas agachadas, todos fazendo pose para a foto.]

6.1.7.4 Congresso Brasileiro De Terapia Ocupacional 2017

O XV Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional aconteceu em Porto Alegre entre os dias 11 e 15 de setembro de 2017. O evento realizado pela ATORGS, contou com o apoio do Crefito-2 e buscou discutir e elucidar conhecimentos em Terapia Ocupacional, bem como abordar o aprendizado e inovação profissional. Com a apresentação de dois trabalhos pude aproximar a discussão sobre Terapia Ocupacional e Cultura junto a outros profissionais e estudantes da área, bem como compartilhar o trabalho que vem sendo realizado.



Figura 36 - Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional.

[Fotografia quadrada. Quatro mulheres abraçadas fazendo pose para a foto após apresentações.]

6. 1.7.5 III Encontro da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências

O encontro realizado entre os dias 10 e 15 de setembro de 2018, sediado no Museu do Amanhã tinha objetivo de reunir profissionais e pesquisadores de todos os tipos de centros e museus de ciência e da divulgação científica em geral. Através de trocas de resultados de pesquisa e experiências institucionais o evento tinha como objetivo o desenvolvimento sustentável, o papel destes equipamentos processos de empedramento e inclusão social. O Museu da Geodiversidade teve sua participação através da oficina “Acessibilidade em museus e centros de ciências” realizado no próprio museu, no mesmo dia foram apresentadas pesquisas relacionadas e o processo de acessibilidade do espaço expositivo no MGeo.



Figura 37 - Mediação com participantes do III Encontro da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC).



Figura 38 - Apresentação de recursos de mediação acessível na ABCMC.

[Duas fotos retangulares. Figura 37 – Grupo iniciando mediação em frente ao MGeo, aproximadamente 20 pessoas. Figura 38 – Ao centro esta uma mesa com os recursos do MGeo, em volta um grupo de aproximadamente 12 pessoas circula, próxima a mesa esta a autora apresentando os recursos.]

A participação em encontros, congressos, seminários e outros eventos de divulgação científica foi de grande importância para compartilhar e discutir estratégias e ações de acessibilidade no contexto brasileiro. Com a participação nesses eventos foi possível articular uma espécie de rede em prol de políticas públicas culturais para a implementação de acessibilidade em ambientes culturais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição da Terapia Ocupacional da UFRJ tem auxiliado, a partir da formação em nível de pós-graduação através do CEAC na implementação da pauta da cidadania cultural das PcD. Ao sensibilizar e capacitar diferentes atores da área cultural e de outras áreas envolvidas com os direitos sociais das PcD, verifica-se um esforço de todos na realização da meta 29 do PNC. Neste sentido, cabe destacar também que a partir da experiência do CEAC, a identidade da terapia ocupacional cresceu em outros campos. O curso que tem como objetivo ser um instrumento técnico-político para a implementação de uma política nacional possibilitou o reconhecimento da profissão em outras áreas, não só como colaboradora da constituição da política, mas principalmente da oferta de conhecimento de desenvolvimento de recursos baseados na Tecnologia Assistiva e nas sensibilizações de todos outros contextos de acessibilidade.

Na pauta da acessibilidade cultural no Museu da Geodiversidade e a contribuição da Terapia Ocupacional neste contexto, é importante destacar a formação de uma equipe interdisciplinar para pensar em acessibilidade cultural. Conforme demonstrado, percebemos diferentes colaborações de nossa formação, que auxiliam na implementação de recursos, que facilitam o processo de mediação. O domínio da Tecnologia Assistiva, o desenvolvimento de recursos de baixo custo parecem ser uma grande contribuição da Terapia Ocupacional nos ambientes culturais a fim de implementar a pauta.

A detalhar sobre as dimensões de acessibilidade (SASSAKI, 2009) foi possível trabalhar, na experiência do trabalho no MGEO, a dimensão atitudinal a partir de encontros com rodas de conversa, discussões sobre experiências de vida que tornam possível a aproximação de conhecimentos gerais sobre as deficiências e a quebra de barreiras ao lidar com PcD. No que se refere a dimensão comunicacional, o exercício de repensar o conteúdo disposto bem como a própria mediação junto a equipe de mediadores do MGeo pôde-se aprender a considerar os aspectos sobre as deficiências, o olhar atento ao público e a compreensão de práticas ao longo da exposição que contemple tais especificidades. No que tange as barreiras arquitetônicas, a avaliação constante feita pela equipe, bem como os retornos dados de quem vivência aquele espaço e relata dificuldades de mobilidade

e informação do ambiente, tem auxiliado a avaliar os recursos que tem sido utilizados para otimizar o uso MGeo.

As ações e os recursos do projeto de extensão “Um museu para todos: adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência (IGEO-UFRJ)” são anualmente apresentados a UFRJ na Semana de Integração Acadêmica e o retorno sobre o mesmo tem sido positivo, sendo premiado com menções honrosas por 3 anos consecutivos. A articulação dentro da instituição para promoção de ações e projetos que se alinhem em prol da inclusão e acessibilidade, tem sido importante e o MGeo tem se destacado como protagonista entre outros ambientes culturais da instituição em investidas de estratégias de acessibilidade.

Sobre as possibilidades da terapia ocupacional de atuar em prol da cidadania e diversidade cultural, pude, na prática, e junto as referências bibliográficas, gerar conhecimentos que iam além do currículo estipulado no curso de Terapia Ocupacional da UFRJ. Orientada por uma museóloga e uma terapeuta ocupacional, servidores da UFRJ de institutos e áreas de conhecimento diferentes, a experiência prática de execuções de projetos interdisciplinar proporcionou-me diálogos com outros saberes, compondo um pensamento complexo sobre o desenvolvimento de recursos e estratégias de inclusão.

Com a implementação em 2018 da disciplina obrigatória denominada “Terapia ocupacional e acessibilidade cultural”, a contribuição como monitora trouxe novas perspectivas dentro da formação junto a discentes que contribuem para o desenvolvimento de estratégias de ação e reflexões acerca do campo da cultura.

Por ainda serem poucos os terapeutas ocupacionais inseridos nas práticas de acessibilidade em ambientes culturais, foi de grande importância a abertura para discussões junto a sociedade e profissionais da área construindo e qualificando a atuação nesses espaços na busca pela eliminação das barreiras e obstáculos que comprometam a participação de PcD.

A partir desta experiência, pude perceber que para garantir a cidadania das pessoas com deficiência é preciso reconhecer sua identidade própria e prover os recursos necessários para possibilitar sua plena e efetiva participação na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Assim, é possível sinalizar que a partir da formação da terapia ocupacional e o seu conhecimento sobre os aspectos gerais das deficiências nossa contribuição

numa equipe de ação educativa dos ambientes culturais se expande. Desta forma, a terapia ocupacional pode atuar com a capacitação das equipes para recepção do público com deficiência, o desenvolvimento de estratégias de formação de público plateia, o acompanhamento, desenvolvimento e avaliação junto com pessoas com deficiência de instrumentos e recursos de mediação; a capacitação das pessoas com deficiência para atuarem como mediadores nos ambientes culturais, a capacitação de toda a equipe para receber pessoas com deficiência como colegas de trabalho. Se o terapeuta ocupacional buscar capacitações complementares na área de gestão, administração de projetos/programas e ambientes culturais pode vir a ser um profissional a coordenar e gerenciar a implementação da política de acessibilidade, e essa pode ser uma área de atuação do terapeuta ocupacional nos ambientes culturais.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, L.; PORCIÚNCULA. K. Os desafios para a produção de indicadores sobre pessoas com deficiência – ontem, hoje e amanhã. *In*: SIMÕES, A.; ATHIAS, L; BOTELHO, L. (organizadores). **Panorama nacional e internacional da produção de indicadores sociais : grupos populacionais específicos e uso do tempo** - Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2018. n. 6. p. 114-167 – Estudos e análises. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 2236-5265. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/20438-panorama-nacional-e-internacional-da-producao-de-indicadores-sociais.html?edicao=20935&t=publicacoes>. Acesso em: out. de 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF, set. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf> Acesso em: set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Presidência da República. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: set. 2018.

BRASIL. **Metas do Plano Nacional de Cultura**. p. 94. Dezembro de 2011. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10883/11294/METAS_PNC_final.pdf/. Acesso em: set. 2018.

BRASIL. **Plano Nacional de Cultura**: Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/Lei+12.343++PNC.pdf/e9882c97-f62a-40de-bc74-8dc694fe777a>. Acesso em: set. 2018.

BRITO, C. M. D., SANTIAGO, N. Z., AGOSTINI, R. **La terapia ocupacional y su relación com La cultura contemporânea**. TOG (A Coruña) Vol 8. Num 13. Marzo 2011. 14 p.

CASTRO, A. R. de S. F. de. **Caminhando em direção ao museu inclusivo: diagnóstico de acessibilidade da exposição “Memórias da Terra” (Museu da Geodiversidade–IGEO/UFRJ) com o mapeamento das intervenções necessárias**. Rio de Janeiro, RJ: URJ, 2014. 101 p. Monografia em Acessibilidade Cultural - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CASTRO, A. R. de S. F. de. **Relatório final de coordenador do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2015. Submetido a Pró-reitoria de extensão-PR-5 da UFRJ na SIGProj. Disponibilizado pela autora.

CASTRO, A. R. de S. F. de. **Relatório final de coordenador do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2016. Submetido a Pró-reitoria de extensão-PR-5 da UFRJ na SIGProj. Disponibilizado pela autora.

CASTRO, A. R. de S. F. de. **Relatório final de coordenador do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2017. Submetido a Pró-reitoria de extensão-PR-5 da UFRJ na SIGProj. Disponibilizado pela autora.

CASTRO, A. R. de S. F. de. **Relatório final de coordenador do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2018. Submetido a Pró-reitoria de extensão-PR-5 da UFRJ na SIGProj. Disponibilizado pela autora.

CHAUÍ, M. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junio, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>. Acesso em: 19 de out. de 2018.

DORNELES, P. S., de CARVALHO, C. R. A., SILVA, A. C. C., & MEFANO, V. **Do Direito Cultural Das Pessoas Com Deficiência**. Revista de Políticas Públicas, v. 22, n. 1. 2018. 139-156 p.

DORNELES, P. S.; ALBERTACCI, G. Junior. Rede de articulação, fomento e formação: o curso de especialização como um instrumento da política de acessibilidade cultural para pessoas com deficiência. *In*: CARDOSO, E; CUTY, J., Organizadores. – **Acessibilidade em ambientes culturais: relatos de experiências**. Porto Alegre: Marcavisual, 2014. p. 102-120.

DORNELES, P. S; CARVALHO, C. R. A. de; CASTRO, A. R. de S. F. de. **O curso de pós-graduação em Acessibilidade Cultural na Universidade Federal do Rio de Janeiro e suas ações de ensino, pesquisa e extensão**. Ver. FAEEBA – Ed. E Contemp. Salvador, v. 26, n. 50. set./dez. 2017. p. 105-117.

DORNELES, P. S; CARVALHO, C. R. A. de; SILVA, A. C. C. O curso de pós-graduação em acessibilidade cultural da UFRJ: breve estudo sobre seu papel na construção de uma política de formação, perfil dos discentes e suas contribuições de pesquisa e ação cultural na área. Seminário Internacional Políticas Culturais (8. : 2017 : Rio de Janeiro, RJ). *In*: CALABRE, L. [et al.] (Organizadores) **Anais do VIII Seminário Internacional de Políticas Culturais**, 23 a 26 de maio de 2017. Rio de Janeiro / – Rio de Janeiro : Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. 1 ebook.1.287 p. ISBN 978-85-7004-356-6.

DORNELES, P. S; LOPES, R. E. **Cidadania e diversidade cultural na pauta das políticas culturais**. Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar; São Carlos. 2016. v 24. n 1. São Paulo, 2006. p 173-183. ISSN 0104-4931.

FEMINELLA, A. P.; LOPES, L. F.; Disposições Gerais/ Da Igualdade e da não Discriminação e Cadastro-Inclusão. *In*: SETUBAL, J. M.; FAYAN, R. A. C.

(Organizadores). **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Comentada**. Campinas: Fundação FEAC, 2016. p. 9-32. ISBN: 978-85-69685-03-6.

FONSECA, T. de C. B. **Relatório final de bolsista do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2015. Submetido a Pró-reitoria de extensão PR-5 da UFRJ na SIGProj.

FONSECA, T. de C. B. **Relatório final de bolsista do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2016. Submetido a Pró-reitoria de extensão PR-5 da UFRJ na SIGProj.

FONSECA, T. de C. B. **Relatório final de bolsista do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2017. Submetido a Pró-reitoria de extensão PR-5 da UFRJ na SIGProj.

FONSECA, T. de C. B. **Relatório final de bolsista do projeto de extensão “Um museu para todos: Adaptação da exposição ‘Memórias da Terra’ para pessoas com deficiência”**. Exercício 2018. Submetido a Pró-reitoria de extensão PR-5 da UFRJ na SIGProj.

IBGE. **Censo demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. IBGE: Rio de Janeiro, 2010. 1-215 p. ISSN 0104-3145. Disponível em:
https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: ago. de 2018.

MINAYO, M. C. de S. **Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S (organizadora). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Ltda. ed. 21. 80 p. Petrópolis, RJ, 2002. p 9-29.

Nada sobre nós sem nós: relatório final 16 a 18 de outubro de 2008/. Oficina Nacional de Indicação de Políticas Públicas Culturais para Inclusão de Pessoas com Deficiência – Rio de Janeiro, RJ: ENSP/FIOCRUZ, 2009. 124 p. ISBN: 978-85-88588-05-9.

NORMA BRASILEIRA. **ABNT NBR 9050 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 3ª Ed. 2015. p. 162

OLIVEIRA, A. S.; SARRAF, V. P. Do direito à Cultura, ao Esporte, Turismo e ao Lazer. In: SETUBAL, J. M.; FAYAN, R. A. C. (Organizadores). **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência – Comentada**. Campinas: Fundação FEAC, 2016. p. 146-153.

RESENDE, A. P. C., VITAL, F. M. de P. **A convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008. 164 p.

SALASAR, D. N. **Acessibilidade em museus**: o terapeuta ocupacional como mediador de acessibilidade cultural para pessoas com deficiência.. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Terapia Ocupacional). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017. 128 p.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), Ano XII, São Paulo: mar./abr, 2009. p. 10-16.

UNESCO. **Declaração Universal Sobre A Diversidade Cultural**. 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 10/12/2017.

ANEXOS

ORGANIZAÇÃO DOS ANEXOS

ANEXO 1 Cartilha “Aprendendo a lidar com a diversidade”;

ANEXO 2 Planta baixa do circuito expositivo, com discriminação dos módulos;

ANEXO 3 Planta Baixa Atualizada Do Circuito Expositivo.

ANEXO 1

Cartilha “Aprendendo A Lidar Com A Diversidade”

Aprendendo
a
lidar
com
a



DIVERSIDADE

Autores

Fernanda da Silva Ferreira Garcia
Kezia Freire Zanco
Mariana de Souza Mello Ferreira
Tatiana de Castro Barros Fonseca

Revisora Científica

Vera Lúcia Vieira de Souza

Projeto Gráfico

Pedro Arthur Siqueira Veloso

Diretora do Museu da Geodiversidade

Kátia Leite Mansur

Museóloga do Museu da Geodiversidade

Aline Rocha de Souza Ferreira de Castro

Pedagoga do Setor Educativo do Museu

Damiane Daniel Silva Oliveira dos Santos

Coordenadora do curso de Especialização em Acessibilidade Cultural

Patrícia Silva Dorneles

APRESENTAÇÃO

O convívio com pessoas com deficiência fortalece relações e incentiva o respeito às diferenças. Infelizmente há ainda muitas barreiras que dificultam o acesso desse público a diversos ambientes, como as de cunho arquitetônico, comunicacional e atitudinal, mas precisamos entender que a principal barreira é o preconceito.

É importante considerar algumas atitudes que melhoram o relacionamento entre as pessoas, minimizando essas barreiras. Dentre elas, podemos citar:

- Não faça perguntas sobre a causa da deficiência.
- Sempre que quiser ajudar, pergunte qual é a melhor maneira de proceder.
- Pessoas com deficiência tem direito de escolha, não decida por ela, respeite sua opinião.
- Quando quiser alguma informação ou falar algo, pergunte diretamente à pessoa com deficiência e não ao seu acompanhante.
- Não utilize o termo pessoa portadora de deficiência, mas sim pessoa com deficiência.
- Numa situação embaraçosa, use o bom humor para sair dela.
- Não utilize adjetivos ou termos pejorativos para chamar ou se referir à pessoa com deficiência, chame-a pelo nome.



PESSOAS IDOSAS

Devem-se tratar as pessoas idosas com respeito, nunca as infantilize.

Não as deixe muito tempo em pé e realize pausas para ir ao banheiro e beber água, por exemplo.

Tenha paciência, pois cada um tem seu tempo para assimilar e compreender assuntos.

Não precisa falar alto com pessoas idosas, a menos que a pessoa demonstre essa necessidade.

Fale devagar e seja claro.



PESSOAS COM PARALISIA CEREBRAL

A paralisia cerebral é um distúrbio motor por acometimento do sistema nervoso imaturo (o problema pode ter ocorrido desde a fase embrionária até os três anos de idade). Na maioria das vezes não há dificuldade de compreensão, mas pode haver a dificuldade em se expressar pela fala. Quando a pessoa não fala, podemos tentar estabelecer uma comunicação alternativa, através de olhar, gestos e pranchas de comunicação alternativa.

Em alguns casos, você poderá fazer perguntas simples que a pessoa poderá responder com sim/não, emitindo sons ou realizando movimentos corporais, sorrisos e expressões faciais. Pela dificuldade motora, algumas pessoas não têm controle de saliva, por isso “babam”, isso não significa que sejam “bobas”.



PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A comunicação com a pessoa com deficiência visual se dá pela fala. Ações que para as demais pessoas são automáticas precisam ser sinalizadas pelo falar, como quando você está próximo ou vai se afastar.

Ao mediar para uma pessoa com deficiência visual, defina com ela a forma como quer ser conduzida. Avise também sobre os obstáculos do caminho (degraus, portas, curva, as partes expositivas do museu).

Para cumprimentar a pessoa com deficiência visual o aperto de mãos é um ótimo substituto para o sorriso.

Para facilitar a orientação, utilize os conceitos de direita e esquerda, dê noção do tamanho do ambiente e da distância a ser percorrida (metros, número de passos, perto, longe, ao alcance das mãos).

Quando não há a possibilidade de explorar objetos com o toque, dê referências de características como o tamanho comparando a algo conhecido, como parece uma esponja ou pequeno como uma formiga.



PESSOA COM SURDEZ OU DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Com a pessoa com deficiência auditiva não é preciso falar alto, mas faça gestos bem expressivos. Procure falar devagar e de forma articulada, faça “caras e bocas”. Quando a dificuldade na comunicação persistir, tente fazê-lo através de bilhetes, imagens, desenhos. O importante é se comunicar!

Acene ou toque levemente na pessoa quando quiser chamá-la, posicione-se sempre em frente a ela e mantenha contato visual para que saiba que está mantendo uma conversa. Ficar contra a luz/ou com objeto na frente da boca dificulta a comunicação. Procure ficar a favor da luz facilitando a leitura labial.

Mesmo se houver a presença de um intérprete, fale diretamente com a pessoa e procure não excluí-la das conversas.



PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA OU MOBILIDADE REDUZIDA

Numa conversa, procure se sentar para ficar no mesmo nível dos olhos da outra pessoa; é muito desconfortável conversar olhando para cima.

Se achar que a pessoa está com dificuldades pergunte sempre se deseja ajuda e como pode auxiliá-la. As pessoas têm suas próprias técnicas para subir escadas, por exemplo, e ela é a melhor pessoa para te orientar.

Muitas vezes a pessoa tem autonomia sobre o movimento da cadeira de rodas, muletas e bengalas que faz parte do espaço corporal dela, quase uma extensão do corpo. Não se ofenda caso a pessoa recuse a ajuda.

Mantenha muletas e bengalas sempre perto à pessoa.

Não apoie na cadeira de rodas, apoiar-se na cadeira de rodas é tão desagradável como fazê-lo em uma cadeira comum quando alguém está sentado.

No caso de estar guiando uma pessoa na cadeira de rodas e parar para conversar com alguém, lembre-se de virar a cadeira para que a pessoa também participe da conversa.



PESSOA COM AUTISMO

Pessoas com autismo apresentam dificuldades na interação e comunicação. Podem apresentar fala e movimentos repetitivos, não olhar para quem fala e mesmo assim, estão ouvindo e entendendo que lhe é comunicado.

Devemos nos atentar a alguns detalhes, como por exemplo, evitar tocar na pessoa, pois alguns são muito sensíveis ao toque. Bem como, saber que o autista muitas vezes não informa suas necessidades básicas, por isso é importante que a equipe esteja atenta à singularidade de cada pessoa.



PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Devemos cumprimentar a pessoa com deficiência intelectual e tratá-la da mesma maneira que tratamos todas as outras além de respeitar seu tempo na execução de suas tarefas, ajudando-o quando solicitado ou quando perceber uma dificuldade.

Referências

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. - Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

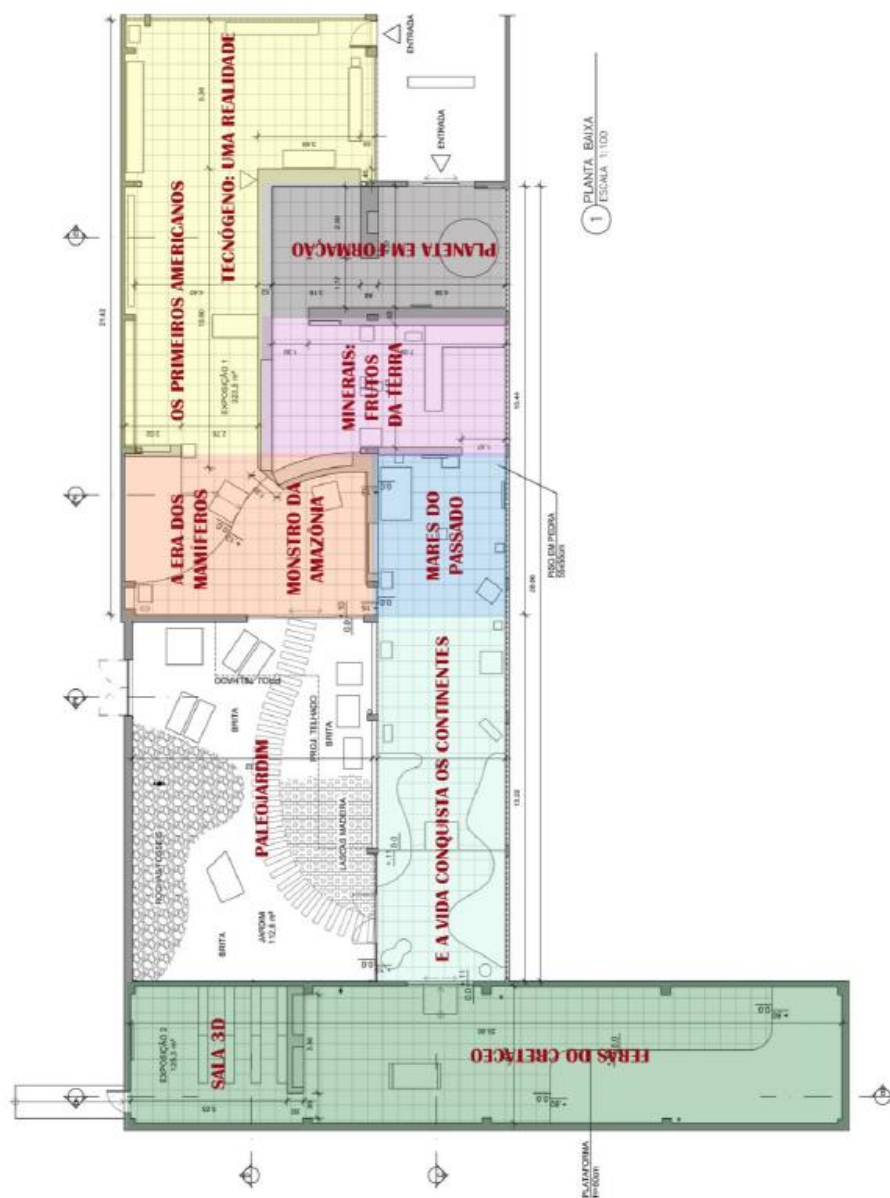
COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane; BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade a Museus. Cadernos Museológicos, v. 2, p. 190, 2012.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 28, n. 1, p. 3-11, 2006.



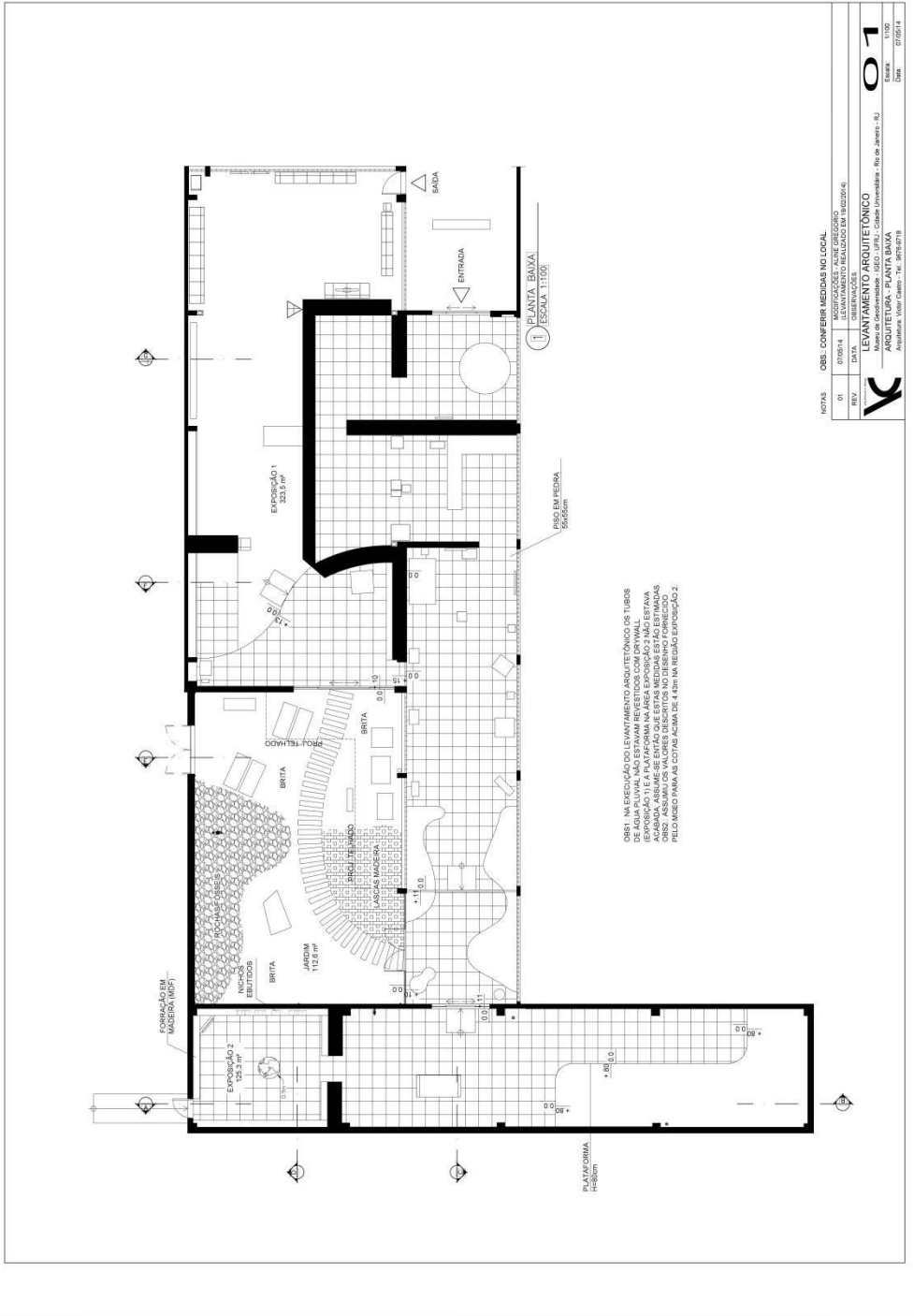
ANEXO 2

1. Planta Baixa Do Circuito Expositivo, utilizadas nos primeiros protótipos.



ANEXO 3

2. Planta Baixa Atualizada Do Circuito Expositivo.



GLOSSÁRIO

Acessibilidade - possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.

Barreiras - qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outro.

Barreiras arquitetônicas – entraves e ou obstáculos existentes nos edifícios públicos e privados.

Barreiras nas comunicações e nas informações – qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação.

Barreiras atitudinais – atitudes ou comportamento que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.

Desenho universal - concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva.

Participação - envolvimento de um indivíduo numa situação da vida real.

Tecnologia assistiva ou ajuda técnica - produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social